

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GABRIELA LIRA DOS SANTOS

**A SAÚDE DOS ESCRAVOS NO PERÍODO DA AMÉRICA PORTUGUESA
COLONIAL ATRAVÉS DO TRATADO *ERÁRIO MINERAL* (1735)**

Florianópolis,

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GABRIELA LIRA DOS SANTOS

**A SAÚDE DOS ESCRAVOS NO PERÍODO DA AMÉRICA PORTUGUESA
COLONIAL NO TRATADO *ERÁRIO MINERAL* (1735)**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de bacharel e licenciatura
em História pela Universidade Federal de
Santa Catarina, sob orientação da prof^a Dr^a
Renata Palandri Sigolo.

Florianópolis,

2019

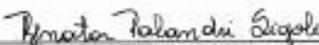


Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Graduação em História

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos três dias do mês de julho do ano de dois mil e dezenove, às 10 horas e 00 minutos, no LAPIS, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Dr.ª: Renata Palandri Sigolo (Orientador(a) e Presidente); Prof. Dr: Tiago Kramer de Oliveira (Titular); Ms Isaac Fauchini Badinelli (Suplente), designados pela Portaria Toc nº 67/HST/CFH/2019, a fim de argüirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica Gabriela Lira dos Santos, intitulado: "A SAÚDE DOS ESCRAVOS NO PERÍODO DA AMÉRICA PORTUGUESA COLONIAL ATRAVÉS DO TRATADO ERÁRIO MINERAL (1735)". Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, a Acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof. Dr.ª: Renata Palandri Sigolo, nota 8,0, Prof. Dr: Tiago Kramer de Oliveira, nota 8,0, Ms Isaac Fauchini Badinelli, nota 8,0, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 8,0. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 10 de julho de 2019. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 03 de julho de 2019



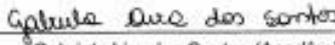
Prof. Dr.ª: Renata Palandri Sigolo (Orientador(a))



Prof. Dr: Tiago Kramer de Oliveira (Titular)



Ms Isaac Fauchini Badinelli (Suplente)



Gabriela Lira dos Santos (Acadêmica)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica **Gabriela Lira dos Santos**, matrícula n.º 13101871, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **A SAÚDE DOS ESCRAVOS NO PERÍODO DA AMÉRICA PORTUGUESA COLONIAL ATRAVÉS DO TRATADO ERÁRIO MINERAL (1735)**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 8 de julho de 2019.

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter permitido que eu chegasse até aqui, neste momento tão importante e sonhado por mim. Nos momentos em que as coisas pareciam ficar difíceis, foi graças a Ele, e as minhas orações que consegui me manter firme.

Devo também a minha eterna gratidão e admiração pelo meu marido Jonatta Brandes, que esteve ao meu lado em todos os momentos, me dando toda a força necessária para continuar este trabalho. Obrigada por todo o apoio, pelas horas ao meu lado me vendo digitar, pelas vezes que parou tudo para ler junto comigo, por me ajudar nas correções, por ficar com as nossas meninas enquanto eu estava neste trabalho, e principalmente por nunca me deixar desistir. Agradeço-te pelas vezes que me aturou estressada por simplesmente não conseguir escrever uma palavra. Obrigada pelo simples fato de estar aqui todos os dias.

Falando nas meninas, as razões pelo qual este trabalho certamente valeu à pena, Isis e Isabel minhas filhas amadas, obrigada por significarem o meu motivo de força, meu motivo para levantar e seguir todos os dias, meu motivo para querer ser uma pessoa melhor. É tudo por vocês e nada mais!

Gratidão aos meus pais Teresa Santos e José Antônio dos Santos por serem minha base e responsáveis por tudo que sou hoje, pela pessoa que venho me tornando dia após dia. Obrigada ao meu irmão Guilherme Lira por ser meu exemplo, e ao meu cunhado Éder pela parceria e carinho de sempre.

Nunca tive muitas amigas, mas com certeza a faculdade me deu de presente aquela amiga que sei que posso contar em todos os momentos, não quero ser clichê, mas aquela pessoa que está sempre presente, nas horas boas e ruins, que não me abandonou com a maternidade, Thais Machado, minha batatinha, obrigada enormemente por todo o apoio e dedicação a nossa amizade, obrigada por ouvir meus lamentos, pelos conselhos e por não me deixar desistir.

E por último, mas com certeza não menos importante, devo eterna gratidão, carinho, admiração pela minha orientadora Renata Palandri, que foi muito mais que uma orientadora, foi uma amiga, uma parceira, uma mãe, que sempre me entendeu, sempre teve paciência com os meus horários apertados por conta das meninas, que sempre me

acalmou naqueles momentos que na verdade eu queria sentar e chorar. Muito obrigada por tudo que fizeste por mim e pelo apoio para a concretização deste trabalho. Com certeza, sem seu apoio e orientação nada disso teria sido possível.

Agradeço imensamente aos excelentes mestres que tive ao longo da graduação, com suas aulas, debates, conversas, enfim, ensinamentos, que certamente serão lembrados e utilizados em toda a minha trajetória profissional.

Por fim, deixo aqui meu agradecimento a todas as pessoas que às vezes por algum descuido não foram citadas, mas que fizeram parte deste processo. Gratidão a todos que passaram pela minha vida ao longo da faculdade e que de certa forma deixaram suas marcas e ajudaram a formar o que sou hoje como pessoa, como aluna, como futura historiadora.

Além disso, não poderia nunca esquecer de agradecer ao meu falecido avô José Batista dos Santos, que tenho certeza, que do lugar que ele está, permaneceu presente em meus pensamentos, me guiando, me ajudando naqueles momentos que eu só queria jogar tudo para o alto. Gratidão enorme por ter um anjo tão abençoado me olhando, e cuidando de mim lá de cima. Obrigada Vô!

Assim sendo, fica aqui minha eterna gratidão.

*Ao meu marido Jonatta Brandes e
às minhas filhas Isis e Isabel dos
Santos Brandes!*

RESUMO

Este trabalho busca entender a questão da saúde dos escravos no período colonial, tendo como fonte principal o Tratado Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira de 1735. Tem como objetivo analisar as práticas terapêuticas empregadas pelo autor na região de Minas Gerais durante o período da exploração do Ouro. Para isso, buscou-se aprofundar em questões como o período colonial brasileiro, tendo um olhar para a sociedade daquele momento, a estrutura médica brasileira no século XVIII, o uso e a circulação das plantas utilizadas nos processos de cura e a inserção do autor, sendo ele um cirurgião, neste ambiente.

Palavras Chaves: Luis Gomes Ferreira, Erário Mineral, Práticas Terapêuticas.

ABSTRACT

This work seeks to understand the health of slaves in the colonial period, having as its main source the Mineral Waste Treaty of Luís Gomes Ferreira, from 1735. It also seeks to analyze the therapeutic practices employed by the author in the region of Minas Gerais during the period of exploration of Gold. Issues such as the Brazilian colonial period, the characteristics of the society of that moment, the Brazilian medical structure in the 18th century, the use and circulation of plants used in the healing processes and the insertion of the author in this environment were analyzed.

Keywords: Luis Gomes Ferreira, Mineral Waste, Therapeutic Practices.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 – O Brasil do século XVIII e a “preocupação com a saúde dos povos...”	10
1.1 – Brasil Colônia e a Organização Social Brasileira	10
1.2 – Organização Social em Minas Gerais	13
1.3 – A Preocupação com a saúde dos escravos e a importância em mantê-los sadios	16
1.4 – Estrutura Médica no Brasil Colônia e sua relação com as “práticas mágicas”	22
Capítulo 2 – A vida de Luís Gomes Ferreira na Colônia e sua Obra Erário Mineral de 1735	26
2.1 – Luís Gomes Ferreira – Cirurgião no Brasil Colônia	26
2.2 – Erário Mineral (1735) – O tratado médico de Luís Gomes Ferreira	29
2.3 – Relações entre o Erário Mineral e outros tratados da época	31
Capítulo 3 – Erário Mineral e suas práticas terapêuticas	35
3.1 – Como o Erário Mineral trata as doenças no Brasil Colônia	36
3.2 – Formas de Cura: as plantas utilizadas no Erário e sua relação com os médicos dos séculos XIX e XX.	43
Considerações Finais	50
Anexo	52
Referências Bibliográficas	73

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho nasceu de uma questão pessoal: na segunda fase da graduação de História cursei duas disciplinas que despertam meu interesse pelo tema escravidão e saúde: Laboratório de Ensino em História da Saúde e História da África. Foi justamente nessa época em que tive meu primeiro contato com a fonte aqui utilizada; o Tratado Erário Mineral escrito em 1735 pelo cirurgião Luis Gomes Ferreira.

Essa obra reúne as experiências e práticas médicas realizadas pelo cirurgião Gomes Ferreira na capitania de Minas Gerais. Além de conter uma vasta descrição das principais enfermidades enfrentadas por aquela população e também os meios mais eficazes de cura por ele experimentados¹. Sendo assim, ao analisá-la trago como problemática observar e entender como a questão da saúde dos escravos que viviam na colônia era tratada.

Para isso utilizo a metodologia da história da saúde, busquei entender, através das práticas de cura utilizadas por essas classes menos favorecida, como também pelos portugueses da região aurífera, outras questões como economia, cultura, o cotidiano entre outros aspectos.

Há como delimitação espacial e temporal, a região aurífera de Minas Gerais do século XVIII, ou seja, durante o período de exploração do ouro. Sendo assim, procuro entender o panorama desta época e por que aconteceram alguns movimentos voltados para a saúde dos escravos; identificar quem era Luis Gomes Ferreira naquele contexto e analisar as doenças e práticas de cura destinadas aos escravos negros de acordo com a sua obra; compreender qual era a intenção do autor ao escrever esse tratado e para qual público era destinado; e por último, buscar analisar as plantas utilizadas como práticas terapêuticas por Luis Gomes.

Por conta de melhor organização o presente trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro deles intitulado de “O Brasil do século XVIII e a “preocupação” com a saúde dos povos”, tem como objetivo entender o panorama do período da exploração do Ouro em Minas Gerais na época Colonial para assim traçar a delimitação espacial e temporal da minha fonte bem como compreender o contexto em que a mesma

¹ CARNEIRO, Ricardo. In: FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. (Primeira Página).

se passava. Para isso, pretendeu-se levantar questões como a organização social do Brasil no século XVIII, analisando mais especificamente a sociedade que se formava nessa região aurífera. Também houve a tentativa de observar e entender como se deu e por que aconteceram alguns movimentos voltados para a saúde dos escravos. Além disso, para um melhor estudo daquele contexto vivido pelo autor, busquei compreender a hierarquia médica entre cirurgiões, médicos e outros profissionais da época e a relação destes com as “práticas mágicas” existentes naquele período.

No segundo capítulo, intitulado como “A vida de Luís Gomes Ferreira na Colônia e sua Obra Erário Mineral de 1735”, procurei identificar quem era Luís Gomes Ferreira no contexto abordado, tentando compreender qual era a intenção do autor ao escrever a obra Erário Mineral e para qual público era destinado. Além disso, pretendeu-se entender qual a relação deste tratado de Gomes Ferreira com outros tratados de medicina que já haviam sido escritos no período e aqueles que viriam a ser escritos na mesma época.

No terceiro e último capítulo deste trabalho, intitulado de “Erário Mineral e suas práticas Terapêuticas” tem a intenção de analisar as doenças e práticas terapêuticas destinadas aos escravos negros de acordo com a obra Erário Mineral. Observando para isso as plantas utilizadas por Gomes Ferreira com o objetivo de procurar entender de que forma essa prática de cura se relacionou não só com este autor como também buscar perceber se essa relação perdurou com os médicos dos séculos XIX e XX.

Capítulo 1 – O Brasil do Século XVIII e a “preocupação” com a Saúde dos Povos

Este capítulo tem como objetivo traçar a delimitação espacial e temporal da fonte Erário Mineral utilizada neste trabalho, bem como entender em que contexto a mesma se passava. Para isso, pretende-se levantar questões sobre a colonização portuguesa no Brasil para poder entender aspectos como a organização social do país no século XVIII.

Fazendo esse primeiro mapeamento, tem-se o objetivo então de analisar e entender mais especificamente a sociedade que se formava na região aurífera de Minas Gerais, onde o personagem principal dessa pesquisa, Luís Gomes, autor da obra Erário Mineral, atuou durante tantos anos.

Além disso, busca-se entender se ocorreram movimentos voltados para a saúde dos povos dessa região, tratando com mais detalhes a questão dos escravos que é o objeto de análise deste trabalho.

E para entender melhor o contexto vivido pelo autor, sendo ele um cirurgião que atuou na região das minas, busco analisar a hierarquia médica existente no século XVIII entre cirurgiões, médicos e outros profissionais da época. Junto a isso, pretendo compreender quais as relações destes saberes eruditos com as “práticas mágicas” existentes naquele período.

1.1 –Brasil Colônia e a Organização Social Brasileira

A colonização do Brasil começou a ocorrer em 1530, quando os portugueses passaram a utilizar o território com o objetivo de fornecimento de matérias primas e minerais para o comércio europeu. Para isso foi instituído no país um sistema de grandes propriedades, com produções em larga escala onde se tinha grandes proprietários dessas terras. Segundo Dirceu Marchini Neto,

Podemos afirmar que ao lado da empresa comercial e do regime de grande propriedade estava um terceiro elemento, o trabalho compulsório. Dentre as modalidades de trabalho compulsório, a que prevaleceu no Brasil foi a escravidão. Isso ocorreu em plena Idade Moderna talvez porque não houvesse uma oferta muito grande de trabalhadores em condições de emigrar como (semi)dependentes ou assalariados, e talvez porque o trabalho assalariado não era conveniente para os objetivos da colonização. Além disso, a imensa

extensão das sesmarias poderia tornar difícil a manutenção de trabalhadores assalariados².

Por conta disso, inicia-se o tráfico de escravos africanos para atuarem nas mais diversas áreas de trabalho no Brasil. Isso ocorreu porque esses negros africanos possuíam algumas habilidades que os portugueses já conheciam como sua atuação nas atividades açucareiras nas ilhas do Atlântico³.

A sociedade colonial dividia-se entre os grandes senhores que eram os detentores do poder local e compunham uma pequena minoria da população, e entre os escravos africanos, que eram a mão de obra e a grande maioria naquele momento. No entanto, entre essas duas camadas havia um grupo de forros, mestiços, camponeses pobres, artesãos entre outros, que compunham um grupo intermediário entre o eixo senhor-escravo⁴.

Caio Prado Junior afirma que entre essas duas categorias mais importantes há uma de destituídos de recursos naturais,

Entre estas duas categorias nitidamente definidas e entrosadas na obra da colonização comprime-se o número, que vai avultando com o tempo, dos desclassificados, dos inúteis e inadaptados; indivíduos de ocupações mais ou menos incertas e aleatórias ou sem ocupação alguma⁵.

Sendo assim, sobre a sociedade que se formava temos a fala de Gilberto Freyre, quando ele diz que:

Formou-se na América Tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, quase nenhuma no português cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito política e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo na formação nacional⁶.

Assim sendo, têm-se então a composição do povo da colônia nesse primeiro momento, uma etnia formada através da mestiçagem entre as raças indígenas, o negro

² NETO, Dirceu Marchini. **O trabalho compulsório no Brasil Colônia**. Revista científica FacMais, Volume III, Número 1. Ano 2013/1* Semestre. ISSN 2238-8427. p. 6

³ Idem, p. 8

⁴ NADALIN, Sérgio Odilon. **A população no passado colonial brasileiro: mobilidade versus estabilidade**. TOPOI, v. 4, n. 7, jul.–dez. 2003. p. 9

⁵ PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1963. p. 288.

⁶ FREYRE, Gilberto. **Características Gerais da Colonização portuguesa no Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida**. In: FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala, 50ª edição. Global Editora. 2005. p. 65-66

africano e o branco europeu, que segundo Caio Prado Jr. isso só se deu por causa da enorme capacidade do português em se cruzar com outras raças⁷. Caio Prado ainda diz que graças a essa mestiçagem,

O número relativamente pequeno de colonos brancos que veio povoar o território pôde absorver as massas consideráveis de negros e índios que para ele afluíram ou nele já se encontravam; pôde impor seus padrões e cultura a colônia, que mais tarde, embora separada da mãe pátria, conservara os caracteres essenciais da sua civilização⁸.

Em relação aos lugares de trabalho, os negros africanos escravizados eram trazidos para atuarem nas mais diversas áreas, principalmente naquelas em que os portugueses não conseguiram sucesso com os índios. Nas áreas rurais, os escravos trabalhavam em serviços como plantações - nos engenhos de açúcar-, na pecuária e nas minas. Na cidade, atuavam em áreas como transportes de cargas, quitandeiros, vendedores de rua entre outros⁹.

Além disso, havia também algumas poucas mulheres que faziam um serviço mais doméstico, trabalhando muitas vezes nas casas dos senhores, atuando como cozinheiras.

Ainda sobre esse assunto das áreas de atuação do escravo, Ciro Flamarion Cardoso diz que:

Na sua imensa maioria, os escravos e escravas do Brasil viveram, trabalharam e morreram nas áreas rurais. Quando se fala em escravidão rural, de imediato se pensa na agroindústria exportadora, em especial os engenhos de açúcar. Apesar de suas dimensões variáveis, o engenho médio comportava dezenas de escravos e era, nos “Tempos Modernos”, uma das formas mais complexas de empresa quanto às instalações que exigia e ao grau considerável de divisão do trabalho que apresentava. Diz-se corretamente que, submetidos a senhores ou administradores em zonas às vezes distantes, onde o poder colonial estava mal representado -, ou se apoiava, justamente, nesses mesmos senhores ou escravos das *plantations* eram vítimas da exploração mais brutal, tendo poucas chances de ascensão social através da alforria. Era nas zonas rurais, no entanto, que muitos dos cativos recebiam, dentro dos engenhos e outras fazendas, parcelas de terra em usufruto e tempo livre para cultivá-las (fins de semana, feriados), com a licença de vender os excedentes eventuais que produzissem, acumulando assim um pecúlio que poderiam empregar para comprar a sua liberdade. Cabe recordar, no entanto, que pela acumulação de um pecúlio ou por quaisquer outros meios, só uma porcentagem ínfima de escravos teve a possibilidade de obter a liberdade predominando entre eles as mulheres, os domésticos e outros

⁷ PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1963. p. 104

⁸ *Ibidem*, p. 104

⁹ NETO, Dirceu Marchini. **O trabalho compulsório no Brasil Colônia**. Revista científica FacMais, Volume III, Número 1. Ano 2013/1* Semestre. ISSN 2238-8427. p. 11.

escravos de confiança, os mulatos (bastardos de senhores ou de homens brancos) ¹⁰.

No entanto, de todas essas áreas citadas acima a que nos interessa aqui era a da mineração, onde nosso autor Luis Gomes atendeu inúmeros casos de escravos trabalhando na região aurífera de Minas Gerais. Para isso, entrarei no próximo tópico deste capítulo onde será tratada a questão da organização social na região das Minas.

1.2 – Organização Social em Minas Gerais

A descoberta do ouro em Minas Gerais no século XVIII provocou uma rápida mudança na questão de urbanização, por criar cidades nos lugares onde ela ocorria. Também foi responsável por um aumento no número de pessoas que se dirigiam para a região aurífera, onde surgem então em poucos anos povoamentos de origem mineradora onde passa a se concentrar boa parte da população¹¹.

De acordo com Ciro Flamarion Cardoso,

Um dos efeitos da mineração foi o surgimento de uma rede urbana considerável nas zonas das minas e o crescimento do tamanho e importância do Rio de Janeiro – porto de abastecimento das minas e de saída do ouro, capital colonial desde 1763 e sede da corte portuguesa desde 1808¹².

Dessa forma, a exploração do ouro descoberto nas regiões das Minas vai ter grande importância para o Brasil por significar a primeira grande corrente imigratória para o país, proporcionando com isso uma expansão do país, por ter levado a uma maior interiorização da colonização. Segundo Boris Fausto em seu livro História do Brasil, chegaram de Portugal e das ilhas do Atlântico cerca de 600 mil pessoas, sendo de diferentes condições, desde pequenos proprietários, padres, comerciantes, aventureiros, cirurgiões entre outros¹³.

Essa grande leva de imigração gerou alterações na estrutura demográfica e social da colônia. Além disso, a descoberta do ouro aumentou também o tráfico de escravos

¹⁰CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **O Trabalho na Colônia**. In: **História Geral do Brasil**. 9ª ed. rev. e atual. 20ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 104

¹¹ PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1963. p. 68

¹²CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **O Trabalho na Colônia**. In: **História Geral do Brasil**. 9ª ed. rev. e atual. 20ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 106

¹³ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 60

africanos e o seu valor no mercado. Estima-se que entre 1701 e 1810 desembarcaram nos portos brasileiros cerca de 1.891.400 africanos¹⁴.

Ainda em relação aos escravos, aqueles trazidos da costa ocidental africana, que na época era chamada de Costa da Mina, ficaram conhecidos como escravos mina. O preço de um escravo mina adulto e saudável era muito alto. Isso se dava pelo fato deles serem tradicionais conhecedores de técnicas de mineração do ouro e do ferro, além de dominarem antigas técnicas de fundição desses metais¹⁵. De 1711 a 1720, 60,2% do total de escravos importados eram africanos minas¹⁶.

Sobre as mulheres Maria Odila, quando fala do período da mineração diz que,

Havia raríssimas mulheres nos acampamentos de mineração nas primeiras décadas de exploração, antes de 1720. Os mais poderosos se orgulhavam de uma ou outra negra mina ou doceira que ostentavam, comprada a preço muito elevado¹⁷.

Além disso, quando se trata da imigração de portugueses para o Brasil, o homem imigra sozinho, sem suas mulheres ou famílias. Principalmente quando se trata da região do ouro, onde os homens vinham como aventureiros. Isso fez com que houvesse poucas mulheres brancas nas primeiras décadas de mineração, o que vai acabar gerando uma enorme mestiçagem¹⁸. E aqui saliento que devemos entender essa mestiçagem não só como o ato sexual, mas uma mestiçagem de costumes, de hábitos, de uma cultura com as outras, que foi na maioria dos casos extremamente violenta e desigual.

Com esse grande fluxo populacional dirigindo-se para Minas Gerais, a coroa portuguesa passou a ter como principal objetivo organizar aquela sociedade que se formava e para isso foi criado um organismo administrativo chamado Intendência de

¹⁴CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **O Trabalho na Colônia**. In: **História Geral do Brasil**. 9ª ed. rev. e atual. 20ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 106

¹⁵ PAIVA, Eduardo França. **Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo**. In: PAIVA, Eduardo França & ANASTASIA, Carla Maria Junho. (orgs.) **O trabalho mestiço; maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX**. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFMG, 2002, p. 187-207

¹⁶ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710 – 1733**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 82.

¹⁷ Idem, p. 85.

¹⁸CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **O Trabalho na Colônia**. In: **História Geral do Brasil**. 9ª ed. rev. e atual. 20ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 106

Minas¹⁹, que tinha como objetivo cobrar o quinto²⁰ e resolver todos os assuntos referentes à mineração.

É justamente na época mais conturbada do processo de povoamento das Minas, por volta de 1710, que Luís Gomes Ferreira, chega à região aurífera. Durante sua estadia, ele pode acompanhar as primeiras construções e tentativas de organização do poder metropolitano, como a criação de vilas, estabelecimento de cargos administrativos e instalações das Câmaras Municipais.

Em 1711, Antonil estimou a população das Gerais em cerca de 30 mil homens brancos, cifra que passaria em 1736 a cerca de 80 mil. Os brancos, entretanto, figuravam como uma minoria na vasta e crescente população trazida pelo tráfico de escravos e que também em 1736 já era estimada em torno de 160 mil²¹.

É possível observar neste trecho a enorme desproporção entre brancos e negros escravos que se figurava neste período, segundo Maria Odila, esse desequilíbrio, mais a densidade de escravos concentrados em torno da exploração do ouro, definiriam os costumes e o ritmo das relações sociais²². E isso também marcaria as tensões do dia-a-dia nessa sociedade em construção.

Essas tensões e a violência como um todo foi uma característica marcante na região aurífera, manifestando-se nas áreas da política, na cobrança dos altos impostos e nas relações entre brancos e negros. Outras questões como a falta de abastecimento dos gêneros de primeira necessidade ou sua instabilidade nos preços também geravam conflitos. A insegurança pelo endividamento e pela violência era o que parecia reger o dia-a-dia da população das Minas²³.

Algumas das rebeliões mais importantes deste período foram: a revolta de Vila Rica, motins do sertão do São Francisco, motim de Pitangui, guerra dos Emboabas entre

¹⁹ PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1963. p. 176

²⁰ O Quinto era o imposto cobrado pela coroa portuguesa durante o século XVIII sobre todo o ouro encontrado em suas colônias, correspondia à 20% , ou seja, 1/5 do metal extraído que era registrado em “certificados de recolhimento” pelas casas de fundição. Disponível em: <<http://www.portaltributario.com.br/artigos/atualizacaodoquinto.htm>> acessado em: 28/04/2019 às 15:15h

²¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710 – 1733**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/** Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 49

²² *Ibidem*, p. 49.

²³ FERREIRA, Luis Gomes. *Op. Cit.*, p. 62

outras revoltas²⁴. Que aconteciam muitas vezes pela falta de uma hierarquia organizada nas regiões auríferas. A coroa portuguesa tinha dificuldade de levar seu poder em algumas das áreas das Minas que ficavam em lugares muito distantes e isolados. E é nesse contexto que irá aparecer a figura dos potentados²⁵. Segundo Maria Odila,

O predomínio do poder dos potentados locais é que daria a tônica da vida social, na época de Luís Gomes, pois a Coroa dependia deles para qualquer iniciativa, desde a abertura de caminhos, construção de capelas, dos prédios públicos, até a própria cobrança dos contratos dos principais impostos²⁶.

E segundo Cláudia Otoní,

Ao se traçar um perfil dos potentados do Ouro em Minas Gerais do século XVIII, alguns já inventariados pela historiografia, percebe-se que eram conquistadores ou descendentes de algum conquistador, tinham cargos de mando na Câmara e na administração, possuíam títulos, como o de cavaleiros de ordem importantes, tinham sob seu comando escravos, índios, mulatos, mamelucos, homens livres e pobres e estabeleciam redes com vários segmentos sociais, num mandonismo local que possuía além de força, a capacidade de negociação com as camadas subalternas²⁷.

Á partir dos trechos acima é possível perceber que estes homens eram personagens fundamentais para a região na época, e que eles conseguiam manter-se devido à capacidade que tinham de oferecer e retribuir favores para a Coroa portuguesa. Além disso, fica evidente por essas falas que eles possuíam poder suficiente para negociar com essa sociedade recém-formada, aspecto que o Reino ainda não tinha totalmente, ou que nunca viria ter.

Após essa pequena discussão sobre como estava se formando a sociedade na região aurífera, pretendo no próximo tópico discutir a hierarquia médica entre cirurgiões, médicos e outros profissionais da época e a relação destes com as “práticas mágicas” existentes naquele período e naquela região.

1.3 – Estrutura médica no Brasil Colônia e sua relação com as “práticas mágicas”

²⁴ SCARATO, Luciane Cristina. **Administração e Política Colonial**. Universidade Federal de Minas Gerais. p. 13

²⁵ De acordo com o dicionário histórico do Brasil Colonial, o potentado “é um homem poderoso, grande proprietário de terras que, principalmente nos sertões exercia seu mando de forma quase sempre autônoma, fugindo às tentativas de controle metropolitano. Significado retirado de BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico Brasil Colônia e Império**. 6. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

²⁶ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710 – 1733**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 76.

²⁷ OTONI, Cláudia. **Os potentados do Ouro e as estratégias de ascensão social. Como tornar-se nobreza nos trópicos. (Minas Gerais – Século XVIII)**. Congresso Internacional Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime. Lisboa 18 a 21 de maio de 2011.

Neste tópico procuro compreender como era a estrutura médica existente no Brasil colônia e como se deu a relação entre os saberes eruditos e as chamadas práticas mágicas. No entanto, para chegar neste ponto, é importante voltarmos nossos olhares para entender como era tratado à questão da saúde em Portugal e de que maneira se deram as práticas terapêuticas no Brasil.

Segundo Júnia Ferreira Furtado, a medicina em Portugal por volta do século XVIII dividia-se em dois ramos: um erudito, exercido pelos médicos formados e o outro mais prático desempenhado por cirurgiões, parteiras e barbeiros que realizavam sangrias entre outros procedimentos²⁸.

Os médicos eram poucos numerosos na colônia durante o século XVIII, os poucos que existiam estavam nas cidades do Rio de Janeiro e Recife. A eles cabiam a tarefa de examinar, diagnosticar e receitar os pacientes²⁹. Já os cirurgiões eram responsáveis pelos ofícios manuais, “cabia formalmente, a execução de funções mais elementares como sangrias, escarificações, aplicação de ventosas e sanguessugas, curas de ferimentos externos e outras atividades dependentes da habilidade manual”³⁰.

Aos boticários ficava a responsabilidade de cuidar da venda de medicamentos que eram prescritos pelos médicos. De acordo com este trecho, “boticário – o que tem botica, vende drogas medicinais e faz mezinhas. Os boticários são cozinheiros dos médicos; cozem e temperam quando nas receitas lhe ordenam”³¹. Assim sendo, ficavam muitas vezes conhecidos como o executor de tarefas do médico.

²⁸ FURTADO, Júnia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 3.

²⁹ EDLER, Flávio; FONSECA, Maria Rachel Froes da. **Os agentes oficiais da arte de curar no Brasil Colonial**. Cadernos ABEM. Volume 2. Novembro de 2005. p. 8.

³⁰ GROSSI, Ramon Fernandes. **Considerações sobre a arte médica na Capitania das Minas (Primeira Metade do século XVIII)**. LPH – Revista de História, N. 8, 1998/99. p. 11.

³¹ Verbete pesquisado em BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. 1712 – 1728. 8 v., p.169. Apud: BADINELLI, Isaac Facchini. **Saúde e Doença no Brasil Colonial. Práticas de cura e uso de plantas medicinais no tratado Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira (1735)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. p. 35.

Além destes, havia os barbeiros que realizavam cortes de cabelo e faziam barbas, suas funções no mundo da medicina se davam em pequenas cirurgias que executavam e principalmente na “realização de sangrias”³².

Voltando nossos olhares para o reino, neste período temos a medicina que era ensinada para os médicos formados na Universidade de Coimbra em Portugal, baseada nos princípios da escola hipocrática e nos ensinamentos galênicos³³. Para estes médicos, a saúde era tratada através das combinações humoral, portanto, a doença era vista como um sinal de desajuste no equilíbrio natural. Sendo assim, era estabelecida uma relação de causa e efeito entre a doença e os sintomas sentidos pelo doente.

Essa combinação humoral era conhecida como a medicina humoral, na qual a saúde da pessoa depende do equilíbrio dos humores corpóreos. Nessa visão, o corpo humano possuiria quatro substâncias: o sangue, a fleuma, a bÍlis negra e bÍlis amarela³⁴. Seria justamente o desequilÍbrio desses humores que causariam as doenças, e o tratamento se dava pelo reestabelecimento do equilíbrio perdido.

Assim sendo,

Dessa estequiologia, ou seja, dessa doutrina de composição elementar dos corpos naturais, surgiu a teoria humoral. A partir da premissa de que pares oposições deveriam ser mantidos em equilíbrio para a saúde e harmonia do corpo, enquanto os humores estivessem balanceados, o indivíduo desfrutaria de saúde. Certos processos, entretanto, podiam determinar acúmulo maior de um dos humores, levando ao desequilÍbrio da physis³⁵.

A medicina humoral, portanto, baseava-se muito mais na observação da doença e, ou seja, no seu prognóstico e tratamentos do que com o diagnóstico em si, que dependia da descoberta do humor em desequilÍbrio. No caso do Brasil, foi através da medicina portuguesa que os princípios hipocráticos chegaram ao país³⁶.

³² GROSSI, Ramon Fernandes. **Considerações sobre a arte médica na Capitania das Minas (Primeira Metade do século XVIII)**. LPH – Revista de História, N. 8, 1998/99. p. 12.

³³ ABREU, Jean Luiz Neves. **O corpo, a doença e a saúde. O saber médico luso-brasileiro no século XVIII**. Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. p. 23.

³⁴ BADINELLI, Isaac Facchini. **Saúde e Doença no Brasil Colonial. Práticas de cura e uso de plantas medicinais no tratado Erário Mineral de Luis Gomes Ferreira (1735)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. p. 54.

³⁵ LIMA, Tania Andrade. **Humores e Odores: Ordem Corporal e Ordem Social no Rio De Janeiro, Século XIX**. Rio de Janeiro. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, II (3): 44-96, nov. 1995 – fev. 1996, p. 47

³⁶ Idem, p.51

Somente a partir da década de 1770, ou seja, em um período posterior ao do Erário Mineral, é que vai ocorrer em Portugal mudanças no ensino e a criação de novas instalações universitárias, devido à Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido como Marquês de Pombal, que assumiu a Secretaria de Negócios Estrangeiros e Guerra.

Foram instituídos com a reforma pombalina da Universidade outros locais destinados à investigação e ao apoio ao ensino. Assim, foram criados o Hospital Escolar, o Teatro Anatômico, o Dispensatório Farmacêutico, o Gabinete de História Natural, o Gabinete de Física Experimental, o Laboratório Químico, o Jardim Botânico e o Observatório Astronômico³⁷.

A reforma das universidades em Portugal neste período tinha como objetivo modernizar os cursos. No caso do curso de medicina, havia naquele momento uma preocupação em se estudar anatomia por meio da dissecação de cadáveres que até então era proibida por questões religiosas³⁸. Os principais influenciadores de Pombal na elaboração de novos estatutos médicos foram: Luís Antônio Verney, Ribeiro Sanches, Castro Sarmiento e Sachetti Barbosa³⁹.

A importância de Ribeiro Sanches⁴⁰, autor do “Tratado de Conservação da saúde dos povos”, pode ser observada em suas obras, onde ele dá várias propostas de medidas para conservar a saúde da população, tanto nos navios, como em hospitais, ou em qualquer lugar que pudessem ser propagadas as doenças.

Trazendo tudo isso que foi citado acima para a realidade da colônia, há então uma quebra em toda a ordem médica que Portugal tentava impor. Isso se deu principalmente pelo fato das necessidades da população colonial não serem as mesmas apresentadas na metrópole, ou seja, a realidade geográfica e social era diferente, e por isso demandavam questões e estratégias também diferentes.

Um dos maiores problemas que a colônia vai enfrentar será a falta de médicos, cirurgiões e boticários. “Havia três médicos em Vila Rica, um no Ribeirão, dois no

³⁷ PITA, João Rui. **A reforma pombalina da Universidade, a faculdade de Medicina e os estudos médicos e farmacêuticos**. Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, CEIS20. Coimbra, 2006. p. 3.

³⁸ NUNES, Cristiane Tavares Fonseca de Moraes. **A Universidade de Coimbra Reformada**. Universidade Federal de Sergipe. p. 9.

³⁹ Idem, p. 8.

⁴⁰ Antônio Nunes Ribeiros Sanches foi médico, filósofo e pedagogo. Médico de renome europeu foi autor de obras que tratavam sobre educação e ciência. Muitos de seus textos e também seus vários contatos foram importantes para a formação de diversas políticas públicas, principalmente a partir do governo do Marquês de Pombal. Escreveu além da obra citada neste trabalho, obras como: “Cartas sobre a educação da mocidade” e “Métodos para aprender e estudar a Medicina”. Disponível em: <<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/o-conhecimento-filosofico-natural-sobre-o-brasil-do-medico-portugues-antonio-nunes-ribeiro-sanches-em-1763/>> acessado em: 01/05/2019 às 01:48h

Sabará, os cirurgiões eram oitenta e as boticas talvez não chegassem a trinta⁴¹”. Questão essa também abordada no Tratado Erário Mineral de Luis Gomes, quando o autor diz que “em tão remotas partes, que hoje estão povoadas nestas Minas, aonde não chegam médicos, nem ainda cirurgiões que professem a cirurgia, por cuja causa padecem os povos grandes necessidades”⁴².

Luís Gomes ainda vai adiante quando escreve em seu livro ao falar que,

Se for censurado por escrever da Medicina sendo professor de Cirurgia, respondo que a Cirurgia  parte inseparável da Medicina; e demais que, nas necessidades da saúde, os cirurgiões suprem em falta dos senhores médicos, (...) o meu intento não é satisfazer políticas, mas sim remediar necessitados. (...) Escrevo observaes e não autoridades, e também te relevo os segredos que tenho alcanado⁴³.

Podemos perceber nesse trecho aspectos importantes já salientados nesse trabalho: a hierarquia entre médicos e cirurgiões, que acabava sendo diluída no Brasil justamente por essa outra questão que é a falta de médicos para atender os doentes na colônia.

A falta de medicamentos e o seu elevado preço era outro problema enfrentado pelos habitantes da colônia, os remédios que chegavam da metrópole eram embarcados nos navios onde passavam por uma longa travessia até chegar no Brasil. Essa demora muitas vezes acabava por estragar muitos medicamentos,

Aqueles que eram destinados ao interior do território, como era o caso das Minas, enfrentavam uma nova viagem pelos caminhos do sertão. Quando chegavam às vilas e arraiais mineiros, os medicamentos podiam permanecer um grande período de tempo nas prateleiras das boticas, ficando mais uma vez, com a qualidade comprometida⁴⁴.

Na tentativa de tentar driblar essa falta de medicamentos, os moradores da colônia criaram estratégias para manter a sobrevivência, e  nessa conjuntura que muitos colonizadores viram como uma saída, a utilizao das experiências de cura dos indígenas e dos africanos⁴⁵.

⁴¹ GROSSI, Ramon Fernandes. **Consideraes sobre a arte médica na Capitania das Minas (Primeira Metade do século XVIII)**. LPH – Revista de História, N. 8, 1998/99. p. 17.

⁴² FERREIRA, Luis Gomes. Op. Cit., p. 184.

⁴³ Ibidem, p. 183 e 184.

⁴⁴ GROSSI, Ramon Fernandes. **Consideraes sobre a arte médica na Capitania das Minas (Primeira Metade do século XVIII)**. LPH – Revista de História, N. 8, 1998/99. p. 18.

⁴⁵ RIBEIRO, Márcia Moisés. **Ciência dos Trópicos. A arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 23.

Podemos perceber com isso, que durante o período da colonização, foi preciso utilizar as mais diversas formas de cura para tratamento das doenças, mesclou-se para isso, tanto os saberes europeus vindo com os colonos portugueses, como aqueles saberes já existentes na colônia através dos indígenas. Junto a isso, somaram-se os conhecimentos trazidos pelos escravos africanos.

De acordo com Isaac Badinelli,

A conjuntura das artes de curar no século XVIII abrange uma grande conexão e complementaridade entre o uso de ‘práticas mágicas’ e da ciência para o tratamento das doenças, mas também é o momento de um enorme e lucrativo nicho comercial ligado ao tráfico de escravos. Nesse lucrativo negócio se envolveram vários agentes sociais, estando incluídos os boticários, cirurgiões e físicos, além de funcionários da Coroa, não sendo apenas exclusividade dos portugueses. Em meio a esse amplo negócio se envolveram esses agentes buscando lucro, ascensão social e fazendo circular uma série de conhecimentos médicos e de outras naturezas⁴⁶.

Sendo assim, podemos perceber com esta fala, que a arte de curar do século XVIII na colônia, foi composta por um lado pela medicina erudita vinda de Portugal e por outro, pelas ‘práticas mágicas’, assim chamadas as práticas de cura utilizadas principalmente pela população pobre da colônia. A falta de recursos para obter os medicamentos para o tratamento das doenças fazia com que esse povo apelasse ao universo mágico e a outras formas de cura.

Essas práticas mágicas estavam muito ligadas a uma concepção mágica de mundo que o homem do século XVIII ainda tinha. Neste sentido, as doenças significavam em parte uma manifestação do sobrenatural⁴⁷. Para isto, os tratamentos se davam também através de ‘instrumentos mágicos’ como orações e fórmulas mágicas⁴⁸. No entanto, “quando indivíduos comuns se valiam destes instrumentos mágicos, logo suas atividades eram associadas a ações ditas supersticiosas que atentavam contra a fé, como também podiam ser associadas a feitiçarias”⁴⁹.

Sendo assim, percebemos que até essas práticas mágicas utilizadas pela grande população só era válida perante o clero, quando utilizadas por componentes da medicina oficial, qualquer ato feito fora desses parâmetros era duramente perseguido pela Igreja.

⁴⁶ BADINELLI, Isaac Facchini. **Medicina e Comércio na Dinâmica Colonial: a trajetória social de João Cardoso de Miranda (Século XVIII)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. p. 15.

⁴⁷ GROSSI, Ramon Fernandes. **Considerações sobre a arte médica na Capitania das Minas (Primeira Metade do século XVIII)**. LPH – Revista de História, N. 8, 1998/99. p. 22.

⁴⁸ Ibidem, p. 22.

⁴⁹ Ibidem, p. 22.

Segundo Márcia Moisés Ribeiro,

Vidas cotidianamente de forma semelhante por todos os extratos da sociedade, as diversas concepções terapêuticas difundidas no Brasil colonial se entrecruzaram num ambiente extremamente conflituoso. Em ampla variedade de aspectos, o saber médico erudito e o popular eram indissociáveis, no entanto, os representantes da arte oficial lutavam ferrenhamente contra os que praticavam curas na informalidade. Reivindicando para si o controle do corpo, a medicina esvaziava o sentido dos conhecimentos terapêuticos populares e reinterpretava-os à luz do saber erudito⁵⁰.

E é justamente dentro dessa conjuntura de uma mescla de práticas de cura, que no próximo tópico busco debater sobre a “preocupação” que começou haver com a saúde dos escravos, seja por motivos religiosos, visto que a falta de cuidados com o escravo era considerado um pecado⁵¹; ou por motivos econômicos, já que a morte de um escravo poderia causar grandes despesas para o seu senhor⁵².

1.4 – A preocupação com a saúde dos escravos e a importância em mantê-los saudáveis.

O objetivo deste tópico é então utilizar questões como saúde e doença para tentar compreender alguns aspectos da sociedade daquele período, como o seu dia-a-dia, seus hábitos e costumes.

Neste tópico busco voltar meus olhares para aqueles que formavam a base da sociedade colonial, os escravos, e tentar perceber com isso, como todos os pontos destacados nos itens anteriores se relacionam com a preocupação com a saúde e a importância ou não em mantê-los saudáveis.

Se para os europeus o contato com novas doenças e um mundo totalmente novo causou outros tipos de doenças e novas práticas de cura, para os escravos não foi diferente. Eles também tiveram que enfrentar as enfermidades existentes na colônia, e arranjar uma maneira para tratá-las e curá-las.

Ao longo do século XVIII, alguns autores chegaram a escrever que os senhores deveriam dar um melhor tratamento para seus escravos com o objetivo claro de que estes aumentassem a produção. Nesse sentido, era proposto que se diminuísse os maus-tratos, o problema é que para os grandes senhores, os escravos eram antes uma

⁵⁰RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte de curar no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. p. 89.

⁵¹ FERREIRA, Luis Gomes. Op. Cit., p. 258

⁵² Idem, p. 689.

propriedade do que um ser humano, e por isso havia uma contradição em se cuidar de uma ‘coisa’ que não é ‘sujeito’, uma simples mercadoria⁵³.

O “bom tratamento dos escravos, sem que de alguma sorte se destruam ou se afrouxem totalmente as rédeas da obediência e da subordinação, absolutamente necessárias não só para a boa harmonia entre o senhor e o escravo, mas também para o sossego e segurança do Estado”. Nesse projeto de lei, Coutinho – tal como José da Silva Lisboa, Oliveira Mendes e Vilhena – recuperou o receituário jesuítico de administração dos escravos sob as lentes da linguagem dos interesses: sustento e vestidos condizentes, tempo adequado do descanso noturno, doutrinação cristã para inculcar a obediência nos cativos, e castigo equacionado eram as medidas preconizadas como as idéias para a boa administração dos escravos e, conseqüentemente, para o aumento dos ganhos privados. Em nenhum momento houve a tentativa do Estado português, ou dos intelectuais que estavam a seu serviço, de interferir no governo doméstico dos escravos. Os ilustrados luso-brasileiros limitaram-se a exortar os senhores a melhorarem o tratamento material concedido aos escravos com vistas ao aumento da eficiência econômica da escravidão⁵⁴.

Têm-se então nessa fala, a importância mais uma vez do motivo econômico para essa dita ‘preocupação’. Podemos ver com isso também, que a legislação sempre teve um caráter muito amplo, já que proibia os ‘excessos’, mas não colocava um limite entre o que era permitido ou não, ficando a critério dos proprietários de escravos, estabelecer até onde poderiam ir com seus castigos⁵⁵.

No caso específico da região aurífera, além dos castigos, os escravos estavam sujeitos a vários outros riscos relacionados com o trabalho nas Minas. Para extrair o ouro, os escravos passavam horas dentro da água que era extremamente fria, e isto aliado ao clima também muito frio da capitania, gerava muitos males.

Junia Furtado ao falar de Luis Gomes afirma que,

O clima diferente e único da capitania, frio e úmido, era para ele a causa de quase todos os males, associado à alimentação, à moradia e à natureza da atividade mineratória, que obrigava principalmente os escravos passarem muitas horas dentro da água ou no subsolo⁵⁶.

⁵³ PORTO, Ângela. **O Sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, Oct.-Dec. 2006. p. 1022.

⁵⁴MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do Corpo, Missionários da Mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 189-190.

⁵⁵ PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. Ed. 21 – São Paulo: Contexto, 2010. p. 36.

⁵⁶ FURTADO, Junia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 14

Sendo assim, Luis Gomes traz em seu tratado uma advertência aos senhores de escravo:

E advirto que, se o doente for preto, se lhe dê boa cobertura, casa bem recolhida e o comer de boa sustância, que nisto pecam muito os senhores de escravos que hão de dar conta a Deus. (...) Outrossim, advirto que os senhores vão ver os seus escravos quando estiverem doentes e lhes façam boa assistência, porque nisto lhes darão muita confiança e consolação, metendo-lhes ânimo e esforço para resistirem melhor à doença; e se assim o não fizerem, como há muitos que tal não fazem, enchem-se os tais de confusão, vendo que não têm outro pai, e se deixam ir passando sem comer, ainda que lho mandem, até que ultimamente morrem, o que digo pelo ter visto assim suceder; e assim, por conveniência, como por obrigação, devem tratá-los bem em saúde e melhor nas doenças, não lhes faltando com o necessário, que desta sorte farão o que devem, serão bem servidos, terão menos doenças, mais conveniência, experimentarão menos perdas e tão menos contas que dar no dia deles⁵⁷.

Têm-se nesta passagem do *Erário*, dois aspectos pelos quais os senhores deveriam cuidar de seus escravos: o econômico e o religioso. Esse excerto nos traz ideia paternalista que existia, o papel do senhor como o pai dos escravos. Além disso, Gomes Ferreira cita ainda, que no “arraial de Tejuco, havia um hospital para cuidar dos escravos que trabalhavam nos serviços diamantinos”⁵⁸.

Com tudo isto, percebemos que as condições de transporte dos escravos nos navios negreiros, suas condições de trabalho nas minas, sua moradia e o modo de vida em si, é o que vai resultar na sua condição de saúde. No entanto, ainda hoje, questões como a saúde dos escravos e a contribuição da cultura africana em nossas práticas de saúde, são pouco explorados no estudo da História, apresentando com isso, muitos pontos controversos a serem resolvidos⁵⁹.

Vai ser somente no século XIX, com as noções de “união microbiana do mundo”⁶⁰, que preocupações como a higienização das cidades vão começar a preocupar os governantes. Isso se deu muito, pelo fato de que a partir deste século, com a abolição

⁵⁷ FERREIRA, Luis Gomes. Op. Cit., p. 258

⁵⁸ FURTADO, Junia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 5.

⁵⁹ PORTO, Ângela. **O Sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, Oct.-Dec. 2006. p. 1020.

⁶⁰ ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000. p. 127.

do tráfico e da escravidão, há uma valorização no preço da ‘mercadoria’⁶¹, e, portanto, sairia mais barato cuidar da saúde do escravo, do que perdê-lo.

A partir disso, busco então entender agora um pouco da vida do cirurgião-barbeiro Luis Gomes Ferreira, autor da obra *Erário Mineral*, onde poderemos analisar e perceber todos os aspectos tratados anteriormente neste trabalho.

⁶¹ PORTO, Ângela. **O Sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, Oct.-Dec. 2006. p. 1022.

Capítulo 2 – A vida de Luís Gomes Ferreira na Colônia e sua obra *Erário Mineral* de 1735

Luís Gomes Ferreira nasceu em 1686 na Vila de São Pedro de Rates, mudou-se para Lisboa onde teve a oportunidade de aprender a arte de cirurgião-barbeiro. Completou sua formação no Hospital Real de todos os Santos onde teve como mestre João Lopes Correa⁶². Esse Hospital era considerado um dos mais importantes de Portugal no século XVIII.

O principal objeto de análise desse trabalho é então a obra de Luís Gomes Ferreira chamada *Erário Mineral*, publicada em 1735, sendo este um dos primeiros tratados de medicina brasileira escrito em língua portuguesa⁶³.

As informações que se tem sobre a vida de Gomes Ferreira, são aquelas encontradas em sua própria obra *Erário Mineral*, ele era filho de Caetano Gomes Ferreira e tinha três irmãos. Casou-se em Portugal em 1731 com Maria Ursulina Monteiro da Gama e teve um filho chamado Alexandre Gomes Ferreira, no qual tudo indica que também se tornou cirurgião⁶⁴.

Neste capítulo abordarei brevemente a trajetória de Luís Gomes Ferreira e também sobre seu tratado *Erário Mineral*. Já que essa obra foi de suma importância, para entender não só os males que assolavam a população da região aurífera de Minas Gerais, como também para entendermos um pouco do contexto e da sociedade que se formava naquele período. Além disso, pretende-se analisar a relação do *Erário* com outros tratados médicos escritos naquela época.

2.1 – Luís Gomes Ferreira: Cirurgião-Barbeiro no Brasil Colônia

⁶² FURTADO, Junia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 7-8.

⁶³ CARNEIRO, Ricardo. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. (Primeira Página).

⁶⁴ FURTADO, Junia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 22-24.

Assim como outros portugueses que vieram para o Brasil, influenciados pela descoberta de ouro, Luis Gomes Ferreira chega ao país em 1707 desembarcando na Bahia, voltou para Portugal após um tempo e retornou para o Brasil um ano depois. Viveu em Salvador durante três anos até que resolveu se deslocar para a região de Minas Gerais atraído pelas descobertas dos metais preciosos. Sua intenção ao vir para o Brasil era justamente essa, tentar enriquecer rapidamente através da mineração⁶⁵.

Permaneceu na região das Minas por vinte anos, no entanto, mudava-se constantemente em busca de novas oportunidades, sendo as principais localidades Sabará, Mariana e Ouro Preto.

Na capitania, Gomes Ferreira mesclou a arte da medicina com a exploração aurífera. Ainda pobre, sem escravos para empregar em seu lugar, teve muitas vezes de explorar ele mesmo suas lavras. Chegou a escavar uma vala para desviar o leito caudaloso de um rio e, assim, viabilizar a exploração⁶⁶.

Pode-se perceber então, que ao vir para o Brasil, Luís Gomes passou algumas dificuldades em seu plano inicial de enriquecer através da mineração, por isso inicia sua atuação como cirurgião-barbeiro, já que assim surgia a possibilidade de ganhar dinheiro por haver uma escassez de médicos na região.

Foi então nesse contato com a medicina na colônia, que Luís Gomes começou a perceber que seus aprendizados teóricos do Reino não bastariam para desempenhar sua função na região aurífera. Isso acontecia porque as doenças não eram as mesmas, pela enorme diferença na questão do clima que segundo ele, associado à alimentação, à moradia e à natureza da atividade mineratória resultava nestas doenças encontradas na região⁶⁷.

De acordo com Isaac Badinelli,

Muitos dos medicamentos que serão receitados por Luis Gomes Ferreira no Erário Mineral são de uso interno, resultados da enorme experimentação que o autor fez em diversos pacientes ao longo dos anos que viveu na colônia. Sabe-se que esse tipo de indicação era prerrogativa médica. Além disso, a fabricação de medicamentos era uma atividade delegada aos boticários, que deveriam exercê-la em suas boticas. Ao desafiar essas hierarquias o autor demonstra que

⁶⁵ CARNEIRO, Ricardo. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. (Primeira Página).

⁶⁶ FURTADO, Júnia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 13-14.

⁶⁷ *Ibidem*, p.14

sua preocupação gira em torno da praticidade de seus atos e do meio social que o rodeia. Justamente foi sua capacidade de ultrapassar as normas formais da medicina no período que o fez popular entre os locais. (...) Na obra ele trata tanto de escravos pertencentes a grandes proprietários, como também de pessoas humildes das localidades por onde passou⁶⁸.

Luís Gomes Ferreira, rapidamente conseguiu ganhar fama por conseguir realizar procedimentos com resultados positivos sobre as mais diversas doenças e com isso tornou-se conhecido na região das Minas. Isso se deu principalmente pelo fato, dele ter se utilizado de saberes e experiências da população que vivia na colônia. Com elevados números de curas, ele conseguia novos clientes, além da amizade de pessoas importantes. Sendo assim, em relação à sua fama,

Uma dessas oportunidades lhe apareceu quando o meirinho Manoel Gonçalves Moinhos foi apunhalado por um mulato, quase mortalmente, da nuca até a boca, quando saía da missa de domingo na vila de Sabará. Não poderia haver melhor cenário e público para o barbeiro encenar seu espetáculo. Iniciou o tratamento, com um de seus medicamentos secretos, em plena rua, cercado por todos que tinham ido à missa e, aos incrédulos, lançou o desafio de que não apenas o curaria, mas no curto espaço de uma semana, ele estaria apto a assistir à missa no domingo seguinte⁶⁹.

Segundo Ronaldo Simões Coelho,

Luís Gomes Ferreira tem todas as características de um bom médico: é ético, recusando-se a tratar alguém que esteja aos cuidados de outro médico ou cirurgião; aceita opiniões de colegas, ainda que defenda suas idéias; é crítico, duvidando das autoridades em algumas circunstâncias, e se recusa a praticar aquilo que não crê; é crédulo e, com isso, diminui sua onipotência; é, ainda estudioso, experiente e generoso; caridoso, é capaz de levar o doente para ser tratado na sua própria casa; preocupa-se, como católico que afirma ser, com a salvação da alma e a vida eterna de seus pacientes. Talvez resida aí a razão de seu sucesso⁷⁰.

De acordo com o que vimos nas citações acima, podemos perceber que para além do objetivo de enriquecimento, Luis Gomes Ferreira, passou a almejar uma ascensão social dentro daquela sociedade existente no período aurífero. Através do sucesso das suas práticas terapêuticas ele pode ganhar influência, fazendo amizades com pessoas importantes e, portanto, adquirindo certo prestígio e fama.

⁶⁸ BADINELLI, Isaac Facchini. **Saúde e Doença no Brasil Colonial. Práticas de cura e uso de plantas medicinais no tratado Erário Mineral de Luis Gomes Ferreira (1735)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. p. 44

⁶⁹FURTADO, Jônia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Jônia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 17

⁷⁰ COELHO, Ronaldo Simões. **O Erário Mineral divertido e curioso**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Jônia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 26

Gomes Ferreira retornou para Portugal em 1731, tendo publicado o *Erário Mineral* em 1735, no qual veremos mais detalhes adiante.

2.2 – *Erário Mineral* (1735): o tratado médico de Luís Gomes Ferreira

Tesouro Público Mineral⁷¹, este é o significado do nome *Erário Mineral* e de fato podemos considerá-lo um tesouro, visto que, o autor faz uma detalhada descrição das principais doenças encontradas por ele na região aurífera, além de trazer os meios eficazes para alcançar a cura e os medicamentos utilizados na época, com suas respectivas funções⁷².

A obra foi dividida pelo autor em 12 tratados e utiliza-se de uma linguagem comum, visto que o objetivo de Luis Gomes era justamente que as pessoas que moravam na colônia tivessem acesso ao mesmo. Pretendia fazer com que seus escritos pudessem ajudar os necessitados que não teriam acesso a todo esse conhecimento se fossem produzidos em um vocabulário especializado⁷³. De fato, foi justamente em Minas Gerais que o autor conseguiu algum sucesso de vendas nos anos seguintes da publicação⁷⁴.

Luís Gomes Ferreira era considerado um grande observador e como tal conseguiu reunir em sua obra não só um acervo de várias doenças e formas de curá-las, como também reuniu aspectos de toda a sociedade da região aurífera em que ele conviveu, destacando aspectos do contexto, da geografia do local, da estratificação social, da alimentação, do trabalho dos escravos, dos costumes dos indivíduos daquele lugar entre outros aspectos que lhe pareceram importante, que fez com que ele não só entendesse as doenças que assolavam essas pessoas, mas também fez com que obtivesse êxito em suas práticas de cura.

⁷¹MUZZI, Eliane Scotti. **Ouro, poesia e medicina: os poemas introdutórios ao *Erário Mineral***. In: FERREIRA, Luís Gomes. ***Erário Mineral***/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 35.

⁷²CARNEIRO, Ricardo. In: FERREIRA, Luís Gomes. ***Erário Mineral***/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. (Primeira Página).

⁷³MUZZI, Eliane Scotti. **Ouro, poesia e medicina: os poemas introdutórios ao *Erário Mineral***. In: FERREIRA, Luís Gomes. ***Erário Mineral***/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 37.

⁷⁴FURTADO, Júnia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FERREIRA, Luís Gomes. ***Erário Mineral***/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 26

Outra questão tratada na obra *Erário* é que Gomes Ferreira faz menção à flora brasileira de valor medicinal⁷⁵, principalmente utilizadas nos processos de cura da população mais pobre, como os escravos que não tinham acesso aos medicamentos caros.

Vejam agora os que costumam receitar para as boticas tudo que lhes é necessário para curar os seus doentes, sem atenderem a gastos, principalmente dos pobres, e muitas vezes baldados, com quanta maior razão e virtude obrarão os que estão no seu clima e natural com toda a sua força e vigor? Se obrarão melhor estes ou os que vêm das boticas dos povoados deste América e delas as destas Minas, onde, em umas e outras estarão anos e anos? Julguem os afeiçoados destes e poucos curiosos dos outros, quanta diferença irá, se será como de vivo a pintado; nem estes poderão negar que há muitos remédios, assim vegetáveis, como raízes, mineiras, animais, a quem nosso Senhor deu virtudes excelentes (umas que já descobriram, outras, que se vão descobrindo e se descobrirão ainda) para remédio de muitas enfermidades que eram trabalhosas de curar e hoje fáceis, como se não pode negar e se verá em muitas partes deste volume⁷⁶.

Vê-se então neste trecho Luis Gomes Ferreira falando dessa questão da flora medicinal, onde através de raízes, minerais entre outras coisas ele conseguia extrair remédios muitas vezes mais eficazes que os medicamentos chegados do Reino. Além disso, ele fala que as curas através destes medicamentos estarão inclusos em grande parte de sua obra.

Outro aspecto importante encontrado na obra é a publicação das Licenças do Santo Ofício, que o autor conseguiu para poder publicar sua obra. Essas licenças foram criadas em 1540, quando a Inquisição impõe a Censura Preventiva e eram necessárias duas licenças para se imprimir o livro, sendo uma do Santo Ofício (inquisição) e outra do Ordinário (Bispo). Segundo Agnaldo Martino e Ana Paula Sapaterra,

A intenção era criar uma articulação entre autores, impressores, responsáveis pela edição e um corpo de qualificadores e revedores. Mais tarde cria-se o Conselho Geral – 1570 -, de modo que nada passe a tipografia sem que os “censores” saibam se continham proposições contra a fé e os bons costumes⁷⁷.

Com isso, temos no *Erário* licenças como a do mui Frei Manuel de Cerqueira:

Contém muitas notícias do clima das terras das Minas, por ter nelas assistido vinte anos, muitos remédios e várias observações para se curarem muitas enfermidades, de que, até o presente tempo, se não tem escrito, tudo útil e

⁷⁵ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Gomes Ferreira e os simplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil Colônia**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 116.

⁷⁶ FERREIRA, Luís Gomes. Op. Cit., p.305

⁷⁷ MARTINO, Agnaldo e SAPATERRA, Ana Paula. **A Censura no Brasil. Do século XVI ao século XIX**. Estudos Lingüísticos XXXV, p. 2, 2006.

ainda muito necessário para a saúde de todos os que habitam e se acharem assistentes naquelas terras, e assim me parece muito digno da licença que se pede⁷⁸.

Tendo também a fala de João de Sousa⁷⁹,

Neste livro trata o autor com muita clareza as enfermidades que naquela região costumam padecer os habitantes dela e como daquele clima não houve até agora escritor algum e a mudança dos climas faz mudar de remédios; e naquela região se acham muitas ervas, plantas e frutos com nomes diversos para diversas enfermidades que o autor descobriu com a larga experiência de tantos anos e a boa razão de seu discurso (...) e também os cirurgiões que forem deste reino acharão neste livro todas as enfermidades que naquela região acontecem e remédios para elas conducentes, com pouco dispêndio, que é o que se pretende naquelas partes pela multidão de escravos que adoecem com tão várias enfermidades⁸⁰.

É então perceptível a contribuição que esta obra teve não só para os moradores da região aurífera, como também para outros cirurgiões que vieram para o Brasil posteriormente e enfrentaram os perigos causados por um clima diferente ao que estavam acostumados.

2.3 – Relações entre o Erário Mineral e outros tratados da época

Um dos tratados mais importantes que registraram os hábitos medicinais da Antiguidade é o *Corpus Hippocraticum* ou Coleção Hipocrática. Esse tratado baseava-se na teoria hipocrática, que trazia os traços característicos da escola médica grega, assim sendo, se afastava das práticas mágicas dos adivinhos e das receitas empíricas dos curandeiros, tendo como objetivo elaborar uma medicina racional⁸¹. Segundo Henrique Cairus,

As obras recolhidas sob o título de Coleção Hipocrática consistem em sessenta e seis tratados sobre temas relacionados ao corpo humano, acrescidos de um juramento que deveria ser prestado pelo médico da escola de Cós, um diminutivo livro de Leis (Nômos), em cinco pequeno parágrafos, que nada mais era que um mínimo esclarecimento àqueles que pretendiam iniciar a aprendizagem da arte médica, e um conjunto de cartas e de discursos⁸².

⁷⁸ FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. p. 186

⁷⁹ Não consegui encontrar nada sobre quem eram essas pessoas destacadas por Luis Gomes Ferreira em seu tratado *Erário Mineral*. De acordo com o que aparece na obra, estes eram responsáveis pelas licenças do santo ofício.

⁸⁰ FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. p. 188

⁸¹ MOSSÉ, Claude. *As lições de Hipócrates*. In: LE GOFF, Jacques (org). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1985. p. 46-47.

⁸² CAIRUS, Henrique Fortuna. *O Corpus Hippocraticum*. In: CAIRUS, Henrique F., e RIBEIRO, JR., WA. *Textos Hipocráticos. O doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. História e Saúde Collection. p. 25

Essa coleção de tratados foi considerada até o século XVIII uma obra básica no ensino da medicina ocidental. Sendo assim, dentro deste aspecto, têm-se então, no decorrer deste mesmo século, em Portugal várias obras dedicadas a tratar sobre medicina, como tratados de anatomia, tratados de matéria médica, manuais de medicina domésticas, memórias, dentre outros gêneros⁸³. Neste caso, ao analisar o Erário Mineral, um tratado médico, pretende-se relacioná-lo com outros tratados que viam sendo escritos naquele mesmo momento.

Os tratados médicos são considerados uma importante fonte para a história da saúde e da medicina como um todo, visto que através deles podemos compreender aspectos do saber médico do período estudado, e também as práticas de curas. Além disso, ao analisá-los percebemos as interações e a importância da sociedade na produção dos conhecimentos, onde esse “fazer ciência” é compreendido como inseparável das condições econômicas, sociais e políticas, características do meio no qual os cientistas estão atuando⁸⁴.

Sendo assim, tentar olhar para essa relação da obra Erário Mineral com outros tratados de medicina escritos na época, é para entender de que maneira estes influenciaram ou não de certa maneira a escrita de Gomes Ferreira, além de conseguir perceber a importância daquela sociedade na produção do conhecimento do autor.

Segundo Maria Cristina Cortez Wissenbach, os cirurgiões eram vistos como pouco habilitados⁸⁵ para escrever tratados médicos, no entanto para ela, eles acabavam sendo os mais aptos, visto que eram eles que estavam no dia-a-dia em contato com os males que assolavam aquela população, sendo assim, tinham a prevalência do conhecimento prático sobre o teórico⁸⁶, o que de certa forma deixava-os então aptos para escrever os tratados.

Anos antes do Erário Mineral, publicado em 1735, vale ressaltar que os primeiros tratados em língua vernácula sobre as patologias que afligiam os habitantes dos finais do século XVII e início do XVIII: de Simão Pinheiro

⁸³ ABREU, Jean Luiz Neves. **Tratados e Construção do Saber Médico: Alguns aspectos dos paratextos nos impressos de medicina luso-brasileiros – Século XVIII**. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 6, n. 2, jul.-dez., 2013. p. 22

⁸⁴ FONSECA, Maria Rachel Froés. **Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930)**. História, ciências, saúde-Manguinhos. Rio de Janeiro, v.9 p. 275-288, 2002. P. 276

⁸⁵ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Gomes Ferreira e os simplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil Colônia**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira**; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 113.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 114

Morão, médico, cristão-novo, reconciliado, *Tratado único das bexigas e do sarampo*, de 1683; de João Ferreira da Rosa, o primeiro a descrever a febre amarela nos territórios brasileiros, *Tratado único da constituição pestilental de Pernambuco*, de 1694; e de Miguel Dias Pimenta, cirurgião-mascate, *Notícia do que é o achaque do bicho*, de 1707.⁸⁷

Percebe-se então que o Erário Mineral veio de um contexto em que estava tornando-se comum a escrita de tratados médicos que descreviam doenças, práticas de cura, descobertas dos médicos e ou cirurgiões como citado anteriormente.

O Erário, no entanto, tem algumas particularidades, quanto à forma – ao apresentar as doenças e suas práticas terapêuticas; quanto ao conteúdo – embasado no saber médico da época e que se manteve inalterado até o início do século XIX⁸⁸. Além disso, é a obra de Gomes Ferreira que inicia escritas de práticas médicas para a orientação dos colonos.

Sendo assim, percebe-se que esses tratados expressam o que segundo Márcia Moises Ribeiro é uma medicina “dos tempos coloniais, que nada mais é que um conjunto de conhecimentos, hábitos e práticas nascidos a partir do convívio assíduo das três culturas”⁸⁹ que compunham o Brasil naquele momento, sendo estas, a do branco europeu, a do escravo negro africano e a indígena.

No entanto, deve-se ter em mente que esse sincretismo não foi isento de violência, as pessoas daquele período tinham ainda uma “concepção mágica do mundo”⁹⁰, e com isso, para o tratamento das doenças recorriam a instrumentos mágicos, como: “orações, fórmulas mágicas, etc”⁹¹. Mas estes meios, só eram considerados lícitos quando utilizados por oficiais médicos ou pessoas do clero. Ou seja, “aqueles que curavam na informalidade estavam na mira das autoridades”⁹².

Neste sentido, temos no caso indígena, a figura dos pajés ou xamãs, que são responsáveis pela cura e também pela restauração do bem-estar geral da sociedade⁹³.

⁸⁷ Ibidem, p. 114

⁸⁸ Ibidem, 14. P. 115

⁸⁹ RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência nos trópicos: arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Hucitec. 1997. p. 23.

⁹⁰ GROSSI, Ramon Fernandes. **Considerações sobre a arte médica na Capitania das Minas (Primeira Metade do século XVIII)**. LPH – Revista de História, N. 8, 1998/99. p. 25.

⁹¹ Ibidem, p. 22.

⁹² Ibidem, p.22.

⁹³ CASTRO, Viveiros. **Cosmologia e Xamanismo Ameríndio**. In: OLIVEIRA, Marília Flores Seixas; OLIEVIRA, Orlando J. R. de. **Na trilha do Caboclo – Cultura, Saúde e Natureza**. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007. p. 67.

As atribuições dos xamãs não se restringem, portanto, à cura de doenças apenas, a responsabilidade pelo bem-estar geral da sociedade leva-os a protegê-las contra espíritos maus, mediante práticas propiciatórias para obtenção de colheitas e caçadas abundantes, além da invocação de espíritos benignos para ajudar em questões cruciais como esterilidade e outros distúrbios geralmente atribuídas à feitiçaria⁹⁴.

Dessa forma, “para o indígena a doença não possui uma causa natural, mas sempre uma origem sobrenatural”⁹⁵. Onde nas práticas terapêuticas, utilizavam-se de substâncias naturais como o tabaco, instrumentos musicais como os chocalhos, além de outros procedimentos, como a massagem, as incisões e as sangrias⁹⁶.

Já no caso dos escravos africanos,

A sacralização da natureza é um aspecto fundante do candomblé. As plantas, como outros fenômenos e objetos da natureza, são consideradas sagradas e possuem um papel fundamental na estrutura litúrgica do culto: desde os banhos de ervas nos rituais de iniciação, o batismo dos tambores (...), até os banhos de purificação e os remédios vegetais prescritos pelos sacerdotes. Há, portanto uma lógica intrínseca que associa as plantas aos orixás, de que resulta que elas têm uma dupla função: simbólica-propiciatória (mágico-religiosa) e curativa (farmacológica)⁹⁷.

Há então a união da prática religiosa à ação terapêutica, dessa forma, as plantas têm a função de conservar e restaurar o bem-estar da saúde dos iniciados e fiéis⁹⁸. Ou seja, “a utilização de plantas, nestas comunidades, pode ter finalidade mágica-encantada, finalidade de prevenção ou tratamento da saúde, ou ambas a um só tempo”⁹⁹.

E como já ressaltado, quando esses indivíduos comuns, utilizavam-se destas práticas ou destes instrumentos mágicos, tinham suas ações associadas a atividades supersticiosas e a feitiçarias, e que, portanto, atentavam contra a fé. Comprovando assim, que o sincretismo entre as práticas terapêuticas não foi realizado de forma amistosa.

⁹⁴ Ibidem, p.68.

⁹⁵ Ibidem, p. 67.

⁹⁶ Ibidem, p. 68.

⁹⁷ JERÔNIMO, Ildásio Teixeira e. **Mythos e Logos em Tradições de Origem Africana**. In: OLIVEIRA, Marília Flores Seixas; OLIEVIRA, Orlando J. R. de. **Na trilha do Caboclo – Cultura, Saúde e Natureza**. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007. p. 81.

⁹⁸ Ibidem, p. 81.

⁹⁹ Ibidem, p. 82.

Capítulo 3 – O Erário Mineral e suas Práticas Terapêuticas

Busco nesse capítulo compreender as doenças e as práticas terapêuticas destinadas aos escravos negros, de acordo com a obra *Erário Mineral*, fonte principal deste trabalho. Para isso, serão observadas as plantas, os minerais e os medicamentos utilizados pelo autor Luis Gomes Ferreira, analisando de que forma estes eram usados. Por conta disso, o objetivo desse capítulo é entender de que forma essas práticas de cura se relacionaram não só com este autor, como também levantar se essa relação perdurou entre os médicos dos séculos XIX e XX.

Ao longo da história, a sociedade teve que desenvolver diferentes formas de lidar com as doenças que assolavam os povos, conseqüentemente isso gerava novas maneiras e métodos de curá-las. Além disso, a história das práticas médicas esteve por muito tempo afastada dos estudos de historiadores, estando reservado basicamente aos médicos. No entanto, a questão da saúde e das práticas terapêuticas passa a ser um tema importante, que vem aos poucos se tornando objeto de interesse na área da História, para o entendimento das sociedades, levando em conta que as doenças e as práticas de cura podem mostrar, muitas vezes, a organização social do lugar estudado.

Sendo assim, as doenças produzem uma historicidade que se diferenciam por causa dos diferentes tempos e espaços. Com isso, “saúde-doença não pode, ser interpretado da mesma maneira ao longo das diferentes épocas, pois as sociedades apresentam particularidades que distinguem esse fenômeno”.¹⁰⁰

De acordo com Jacques Le Goff,

A doença pertence à história, em primeiro lugar, porque não é mais do que uma idéia, um certo abstracto numa complexa realidade empírica, e porque as doenças são mortais. (...) A doença pertence não só à História superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à História profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às representações, às mentalidades.¹⁰¹

E ainda tratando sobre as representações, segundo Claudine Herzlich,

Uma das tarefas do sociólogo pode ser a de indicar de que modo essas representações estão enraizadas na realidade social e histórica, ao mesmo tempo que contribuem para construí-la. Assim, no que concerne às representações de saúde e doença que estudei, sem dúvida teria sido útil, primeiro, demarcar melhor a articulação dessas representações com a patologia de uma época e, em seguida, com uma configuração histórica e ideológica precisa. (...) Enfim, teria sido necessário demonstrar melhor suas ligações com

¹⁰⁰ FLECK, Eliane Cristina Deckmann; ANZAI, Leny Caselli. **História da Saúde e das Doenças: Protagonistas e Instituições**. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 6, n.2, jul.-dez., 2013. P. 2.

¹⁰¹ LE GOFF, Jacques (org). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1985. P.7-8.

o sistema de relações coletivas que, através das leis sociais, através do desenvolvimento da medicina, institucionalizou-se progressivamente na medicina. Em trabalho recente, Janine Pierret e eu tentamos re-situar as concepções de doença e de doente no conjunto desses fenômenos macrosociais: pareceu-nos que o recurso à história poderia constituir um caminho para a análise. Da mesma forma, o cruzamento das perspectivas sociológicas e antropológicas pode ter um caráter revelador: é em contraste – ou às vezes por analogia - com as representações de outra sociedade que aprendemos os caracteres e o funcionamento dessas configurações que denominamos representações sociais.¹⁰²

Dentro disto, entender as práticas de cura descritas no Erário Mineral por Gomes Ferreira nos possibilita compreender as representações sociais daquela sociedade, formada pelo grande amalgama de conhecimentos citados anteriormente. Por conta disso, a História entra com um papel importante de analisar tanto as doenças como os doentes, e com isso, torna possível a análise de aspectos culturais, econômicos, entre outros daquele ambiente.

Dito de outra forma, a dupla oposição ‘saúde-doença’ e ‘indivíduo-sociedade’, que organiza a representação, dá sentido a doença. “Por meio da saúde e da doença, temos portanto acesso à imagem da sociedade, de suas ‘imposições’, tais como o indivíduo a vive. Englobada nesta imagem a doença adquire uma significação”¹⁰³.

Nos últimos anos, mais precisamente desde a década de 1990, a historiografia começa a sofrer modificações, onde passam a olhar com mais atenção algumas especificidades, como neste caso, as experiências e as práticas de curas utilizadas no Brasil Colonial pelas diversas camadas daquela sociedade. Pessoas como, Gabriela Sampaio, Márcia Moisés Ribeiro e Beatriz Weber, são alguns exemplos de historiadoras, que passaram a solidificar na academia os estudos voltados para estes temas¹⁰⁴.

No próximo tópico deste capítulo, busco então analisar de que maneira Gomes Ferreira, em seu tratado Erário Mineral, tratava as doenças e os doentes durante o tempo em que permaneceu na colônia.

3.1 - Como o Erário Mineral Trata as Doenças No Brasil Colônia

Ao longo da obra Erário Mineral, Luis Gomes Ferreira, tratou de relatar as diversas doenças que assolavam as pessoas da região aurífera. Ele também documentou

¹⁰² HERZLICH, Claudine. **A problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença**. Physis – Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, Vol. 1, Número 2. 1991. p. 32-33.

¹⁰³Idem, p. 26.

¹⁰⁴ BADINELLI, Isaac Facchini. **Medicina e Comércio na Dinâmica Colonial: a trajetória social de João Cardoso de Miranda (Século XVIII)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. p. 22-23.

as grandes perdas de escravos nos serviços de mineração, já que a mortalidade neste tipo de trabalho era alta, devido aos enormes riscos que ficavam expostos.

As receitas descritas por Gomes Ferreira envolviam diversos materiais que ele utilizava, como minerais, plantas, esterco, urina, animais entre outros. Em anexo, trago uma tabela onde pretendo demonstrar as principais doenças documentadas no Erário Mineral, bem como a descrição dessas ervas e ou outros materiais utilizados pelo autor para os devidos procedimentos terapêuticos.

Nesta tabela também poderá ser observado que a teoria humoral, já tratada anteriormente neste trabalho, ainda era muito utilizada nas práticas terapêuticas. Apesar das transformações nos conhecimentos médicos e científicos, possibilitados pelas reformas pombalinas, durante o século XVIII, e também nos crescentes debates sobre o assunto, pouca coisa realmente mudou nessas práticas, como a continuidade de meios como sangrias, purgas e vomitórios.

Outro aspecto importante de salientar, é que é possível observar ao analisar a obra de Luís Gomes, que ele em alguns momentos teve que improvisar e utilizar de uma prática de cura ‘emergencial’. Casos como mordida de cobras, ou em queimaduras causadas pelo uso da pólvora, escoriações e outras doenças que não existiam no Reino, exigia que por isso, o autor improvisasse nas receitas, utilizando muitas vezes de plantas ou outros itens que estavam a sua disposição no momento do atendimento.

Gomes Ferreira compreendeu que a especificidade das doenças na região exigia tratamentos diferentes dos que ele conhecia e, assim, incorporou à sua farmacopeia as ervas e produtos locais, vários já conhecidos e usados na região. (...) Gomes Ferreira se diferenciou e angariou fama de bom curador pela sua capacidade de absorver a farmacopeia e a experiência dos práticos locais, em oposição ao conhecimento divulgado pelos eruditos e pelos livros portugueses.¹⁰⁵

Sendo assim, as práticas de cura através de plantas medicinais e outros materiais, no caso específico da colônia, esteve relacionada não só com a falta de médicos que existia na região aurífera no século XVIII. Mas também pelo fato de que, havia uma maior eficácia nas técnicas de cura nativas, que fizeram com que estas fossem predominantes no período da América Colonial, já que aquelas vindas da Europa, que se

¹⁰⁵ FURTADO, Junia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens.** In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/** Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 14-15.

resumiam na prática galênica, muitas vezes não surtiam o efeito desejado nas doenças daqui¹⁰⁶.

Os índios, sendo os primeiros habitantes do Brasil, conseguiam extrair tudo que precisavam da floresta, das plantas, assim como os remédios necessários para curar as enfermidades que já estavam acostumados, por conhecerem e viverem na região. Mesclado a isso, vieram as práticas de cura dos negros africanos, que embora suas práticas terapêuticas fossem vistas como um mal¹⁰⁷, era algo que fazia efeito e por isso teve uma grande aceitação por parte da população.

Assim temos que, “a experiência dos nativos foi em muitos aspectos, superior que a razão européia”¹⁰⁸. Podemos observar claramente essa questão na fala de Luís Gomes, ao descrever uma de suas práticas terapêuticas em seu tratado sobre obstruções:

As obstruções nestas minas têm dado grande cuidado aos professores, por ser este clima conducente a elas, assim para os brancos como para os pretos ainda que para estes com maior razão, por andarem pela maior parte sempre metidos dentro da água, principalmente os que são mineiros; e, também, porque os humores deles estão mais arraigados e infiltrados nas partes onde se formam do que em outros quaisquer achaques, pela qual razão são mui dilatadas em sua cura; e como tenho curado muitas de outro modo que os mais professores e do que os autores ensinam, pela razão e a experiência me terem ensinado, como se verá no discurso deste tratado, exporei o meu método curativo; cada um seguirá o que melhor lhe proceder¹⁰⁹.

Nesta fala do autor, podemos observar questões importantes, como o fato da doença por ele analisada se manifestar mais em pretos, justamente pelo fato destes andarem dentro d'água. Isso nos leva a outro aspecto, essa enfermidade seria, portanto, muito mais comum na região aurífera das Minas.

Além disto, destaca-se a questão dos humores, também ali presentes, e claro, o fato do autor retratar que a prática terapêutica utilizada pelos professores, e, portanto, pela razão, na opinião dele, não surtia a eficácia necessária se comparada, ao método por ele utilizado, que foi adquirido pela sua experiência.

Nos primeiros tratados do Erário Mineral, destacam-se as doenças conhecidas como pontadas pleuríticas, enchimentos, lombrigas e as obstruções, além destas,

¹⁰⁶ CARNEIRO, Henrique. **O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011. P. 22.

¹⁰⁷ VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **A pluralidade de perspectivas sobre a doença no período colonial**. Anpuh – XIV Encontro Regional da Anpuh Rio. Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2010. P. 4.

¹⁰⁸ CARNEIRO, Henrique. **O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011. P. 26.

¹⁰⁹ FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral. p, 281.

aparecem também enfermidades como fraturas, feridas, algumas doenças sexuais e problemas com alcoolismo¹¹⁰.

Sobre as pontadas pleuríticas, Gomes Ferreira nos diz que,

Esta enfermidade é o flagelo que mais tem destroçado os mineiros nestas Minas. (...) Não sei que haja professor algum que até o dia de hoje tenha escrito das enfermidades das Minas, nem ainda do Brasil. (...) Pois não só o clima é diferente, mas a causa das enfermidades e os humores que as produzem, por razão dos mantimentos e habitação em que assistem e se exercitam, assim os pretos como os brancos: os pretos, porque uns habitam dentro da água, como são os mineiros que mineram nas partes baixas da terra e veios dela, outros feitos toupeiras, minerando por baixo da terra, uns em altura (...), lá comem e lá dormem muitas vezes, e como estes, quando trabalham, andam banhados em suor, com os pés sempre em terra fria, pedras ou água, e, quando descansam ou comem, se lhes constipam os poros e se resfriam de tal modo que daí se lhes originam várias enfermidades perigosas¹¹¹.

Percebemos então, que as pontadas pleuríticas não assolavam os pretos somente pelo fato do clima, mas também por diversos outros fatores que davam origem a essa e outras enfermidades perigosas. Sem ter um medicamento eficaz para combater este mal, Gomes Ferreira, dedicou o primeiro e o maior tratado a esta doença.

As pontadas causavam muitas mortes, ocasionando prejuízos aos senhores de escravos, “um pobre trabalhava dois e três anos para lucrar um, e que o perdia em poucos dias ou em vinte e quatro horas, e alguns em menos”¹¹². Têm-se então, uma representação da doença, onde a cura está relacionada com o bom trabalho que o escravo irá desempenhar se estiver saudável, e não no sentido dele ter um bem-estar.

Em relação as sangrias, Luis Gomes, alertava que estas não fossem feitas sem a real necessidade,

Porque ficam fracos de estômago, fracos de nervos, trêmulos das mãos e cabeça, ficam com a vista curta ou sem ela; outros caem em apoplexias, outros em paralisias, outros em convulsões, outros em estupores, outros ficam hidróticos, outros ficam padecendo flatos e ventosidades, outros se fazem héticos, outros tísicos, outros se fazem hipocondríacos, (...) ficam tão fracos de forças que é necessário muitos meses (ainda com bom trato) para se refazerem delas e irem para o trabalho. (...) E se em Portugal se recomenda que as sangrias se não façam com excesso, onde os mantimentos são de boa sustância, que sucederá nestas Minas e em todo o Brasil, aonde são tão diferentes. (...) Ruins coberturas, ruins camas e ruim tratamento, como todos sabem os que habitam nestas partes; e, por estas razões e pelos maus sucessos que delas via, nunca fui devoto de mandar sangrar¹¹³.

¹¹⁰ EUGÊNIO, Alisson. **Relatos de Luís Gomes Ferreira sobre os escravos na Obra Erário Mineral (1735)**. História, Ciências e Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, jul.-set. 2015, p. 881-897. P. 886.

¹¹¹ FERREIRA, Luis Gomes. Op. Cit., p. 229-230.

¹¹² Ibidem, p. 241.

¹¹³ Ibidem, p. 278.

Percebe-se então, que o autor em sua obra defendia que não utilizassem das sangrias, visto que esta, usada em excesso ou de forma incorreta poderia ocasionar danos ao paciente. Para Gomes Ferreira, o sangue era o que conservava a vida assim como o azeite que conserva luz da candeia da vida, ou seja, deve-se sangrar pouco para viver muito¹¹⁴.

Ao longo do Erário Mineral, podemos observar vários casos em que o autor é solicitado para atender alguma enfermidade que assolava um escravo, como podemos ver a seguir:

Este caso observei e curei em um escravo de João Francisco Torroso, morador para as partes da Guarapiranga, e foi desta maneira: Passados sete dias, no fim deles me trouxe a esta minha fazenda de São Miguel do Bom Retiro, de Itacolomi, o tal escravo em uma rede com o osso fêmur deslocado no quadril, o que conheci assim pelas grandíssimas dores que tinha. (...) Fiz então um linimento de azeite comum, misturado ao fogo com cera de terra, da preta, que é a melhor, misturando-lhe também enxúdia de galinha e um pouco de unto de porco sem sal, que foi o que havia na ocasião, por se não poder ir a botica, que ficava distante e o caso não permitia dilação¹¹⁵.

Neste caso podemos verificar questões como os ingredientes utilizados por Gomes Ferreira para tentar diminuir a dor deste escravo, perceber também que se tratava de uma fratura, e que, portanto, pode ser analisada como uma cura ‘emergencial’, conforme tratei anteriormente.

Além disto, outro aspecto muito importante a ser notado, é o fato de a ‘botica’ ser distante, e pelo estado do paciente, não poderem se locomover até a mesma. As boticas eram os locais destinados a venda dos medicamentos, no entanto, não estavam presentes em todos os lugares da região aurífera.

Neste outro caso a seguir, Gomes Ferreira foi chamado para atender um escravo que tinha sido atendido por outra pessoa e permanecia com dores a quarenta dias:

A primeira deslocação que vi nestas Minas, assim que cheguei a elas, foi em um bom escravo de Antônio Martins, mamposteiro de bulas, morador da Vila Real do Sabará, junto à igreja velha, o que sucedeu do modo seguinte: Adoeceu o tal preto de uma grande dor em um quadril, e para curar mandou chamar um ignorante barbeiro que em Portugal mal sabia fazer uma barba, pois destes por pecados não faltam nas Minas a cada canto, com título de cirurgiões, o qual, por ouvir dizer que a aguardente era boa para dores, lhe aplicou panos molhados nela por muitos dias e depois outros mil remédios sem efeito; e, como o preto não podia dormir, nem sossegar, me chamaram no fim de quarenta dias, e, considerando a causa de que poderia resultar tão grande dor que o não deixava fazer movimento algum com a dita perna, me veio ao pensamento que poderia estar fora do seu lugar, e, mandando-o levantar e andar, me fui certificando por que a não podia arrastar. Mandeí deitar o enfermo de costas para lhe igualar as pernas ambas e achei a enferma mais

¹¹⁴ Ibidem, p.279.

¹¹⁵Idem, p. 459-460

curta quatro dedos, e, vendo-lhe a junta do quadril, achei a iminência do osso fora do seu lugar, no meio de uma inchação grande, tão dura como uma pedra, que a aguardente tinha fortificado e endurecido. (...) Disse ao senhor dele, que escusasse de se cansar, nem fazer remédio ou gasto algum, porque o preto tinha a perna fora do lugar e não tinha remédio senão ficar com a lesão para sempre; e como o preto era bem ladino e percebeu isto, se pôs a chorar, e o senhor pouco menos de ver o seu escravo perdido, sendo dos melhores que havia nestas Minas¹¹⁶.

Neste trecho, além de ver a descrição de um caso em que o autor não obteve sucesso na cura, podemos observar também outras questões, como quando ele fala sobre o fato de o paciente ter sido atendido anteriormente por um barbeiro, mostrando a rivalidade existente entre barbeiros e cirurgiões naquele período. Como dito em tópicos anteriores, os barbeiros, eram responsáveis basicamente pelos processos de sangrias, e que, portanto, não tinham formação alguma, além daquela adquirida pela prática.

Os barbeiros acabam por aplicar tratamentos sem que o paciente passasse por uma avaliação médica, tendo como pano de fundo das suas ações a experiência no combate às doenças. Escassos e caros, nem todos tinham acesso e recursos para se consultar com estes profissionais especializados no diagnóstico e recomposição humoral, tendo que contar com a experiência e perícia dos barbeiros. Isto gerava descontentamentos e constantes reclamações por parte de médicos que não hesitavam em denunciar os barbeiros pela aplicação de sangrias desnecessárias e desajeitadas, tendentes a prejudicar ainda mais a saúde dos doentes¹¹⁷.

No entanto, devemos lembrar que durante o período tratado, a falta de médicos era grande nesta região, o que acabava fazendo com que as pessoas recorressem a outros tipos de assistência, neste caso em específico, a ajuda de um barbeiro. Infelizmente, segundo Luis Gomes esta alternativa acabou levando a piora do paciente, fazendo com que nosso autor, após ser chamado, não conseguisse obter um resultado positivo no seu processo de cura.

Além destes aspectos, devemos salientar o fato de o senhor ter perdido um escravo que valia muito, sendo um dos melhores. É nesse sentido que devemos entender que, muitas vezes valia mais a pena gastar certas quantidades de dinheiro no tratamento de um preto, do que ter que comprar outro, que muitas vezes, poderia não ser tão bom.

Além de descrever seus atendimentos e suas receitas, Gomes Ferreira, traz ao longo de sua obra várias advertências para os seus leitores, como essa:

Os medicamentos que se aplicarem às enfermidades das Minas sejam sempre de qualidade quentes em sua natureza, ou que inclinem a quentes, porque as doenças do tal clima pela maior parte procedem de causas frias, e, por esta

¹¹⁶Idem, p. 456-457.

¹¹⁷ CATAI, Dimas. **Médicos, Barbeiros e Feiticeiros: Africanos e práticas de cura no Brasil do Século XVIII**. VIII Encontro Estadual de História. Anpuh BA – Feira de Santana, 2016. p. 3.

razão, os que são de sua natureza quentes, obram excelentemente, como a aguardente do Reino, a água do chá, a água de raiz de capeba¹¹⁸.

Percebe-se então com o trecho acima, a utilização por Gomes Ferreira, da lógica da medicina humoral. Esta concepção tratava as doenças pelo seu oposto, neste caso, já que as doenças da região aurífera eram naturalmente frias, era necessário então que os medicamentos fossem de qualidade quente para o tratamento.

Se a saúde assentava no equilíbrio, a doença era, em primeiro lugar, desequilíbrio, devido ao excesso de um dos elementos constituintes do corpo, ou a um excesso de calor, de frio, de secura ou de humidade. (...) também a cura do corpo está ligada a um regresso ao equilíbrio. (...) era necessário introduzir gradualmente no corpo o princípio oposto àquele cujo aumento imoderado havia provocado o desequilíbrio¹¹⁹.

Sendo assim, a medicina humoral baseia-se na condição de que o indivíduo depende do equilíbrio dos humores corpóreos. Seria o desequilíbrio desses humores que causariam as doenças, e a função do médico, portanto, seria a de restabelecer o equilíbrio perdido¹²⁰.

Além deste aspecto da teoria humoral, outras duas informações nos chamam atenção no trecho anterior de Luis Gomes: a primeira com certeza é o fato do nosso autor ao longo de sua obra, escrever inúmeras advertências que demonstram sua preocupação em facilitar o uso de suas receitas pelos seus futuros leitores. A segunda é o uso da aguardente em algumas de suas receitas.

A aguardente no contexto do século XVIII tinha uma dúbia função: a aguardente do reino era considerada curativa, preventiva e energizante. Já a aguardente colonial era atribuída a problemas de saúde, periculosidades e fontes de arruaça¹²¹.

Podemos observar isto na obra de Luis Gomes, já que ele mesmo considerava errada qualquer outra utilização da aguardente que não fosse exclusivamente para fins terapêuticos. Ele dizia que, “não havia remédio mais singular, nem mais pronto, nem que tenha as virtudes que tem a aguardente”¹²².

Já em relação ao seu mau uso, Gomes Ferreira retrata que,

Em todo tempo que tenho assistido nestas Minas, não há coisa alguma nelas que seja mais prejudicial à saúde, assim de pretos como de brancos. (...) Esta

¹¹⁸ FERREIRA, Luis Gomes. Op. Cit., p. 248.

¹¹⁹ MOSSÉ, Claude. **As lições de Hipócrates**. In: LE GOFF, Jacques (org). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985. p. 46-47.

¹²⁰BADINELLI, Isaac Facchini. **Saúde e Doença no Brasil Colonial. Práticas de cura e uso de plantas medicinais no tratado Erário Mineral de Luis Gomes Ferreira (1735)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. p. 54.

¹²¹ AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi. **A moderação em excesso: estudo sobre a história das bebidas na sociedade colonial**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. p. 88.

¹²² FERREIRA, Luis Gomes. Op. Cit., p. 478.

tem sido a causa de morrerem inumeráveis escravos e também bastante brancos irremediavelmente; os escravos, uns bebem tanta que, perdendo o juízo, se matam em pendências compraram tanta que não conseguem pagar, outros, bebendo-a de ordinário, adquirem doenças gravíssimas, como sãs obstruções nas veias e canas de todo o corpo¹²³.

E com isso, percebemos então, que assim como no último caso retratado, deveria haver certo cuidado ao utilizar aguardente, visto que ela poderia ser muito útil em determinados casos, como também muito prejudicial em outros.

Percebemos então, que Luis Gomes tentou com sua obra transmitir todo o conhecimento sobre práticas terapêuticas que adquiriu ao longo do período que esteve presente na região aurífera de Minas Gerais. Com isso, pode-se dizer que o texto assume uma forma de dicionário, contendo um levantamento de plantas, animais e minerais eficazes nos processos de curas das enfermidades que assolavam aquela população¹²⁴.

Assim sendo, no próximo tópico busco analisar as plantas utilizadas por Gomes Ferreira em sua obra, tentando perceber, se estas se relacionaram com os médicos dos séculos XIX e XX e de qual forma. Além disto, com essa análise, é importante ressaltar a circularidade¹²⁵ que algumas plantas ou especiarias tiveram até chegar às práticas terapêuticas do Brasil Colonial.

3.2 – Formas de Cura: as plantas utilizadas no Erário e sua relação com os médicos dos séculos XIX e XX.

A natureza foi motivo de fascínio e interrogação para viajantes e colonizadores que aportaram nas terras do Brasil nos séculos XVI, XVII e boa parte do XVIII. Encantados ou temerosos diante do grandioso espetáculo vislumbrado, esses homens detiveram-se em descrever os habitantes da terra, as plantas, os animais e os minerais com os quais se deparavam¹²⁶.

Sabemos que ao chegar ao Brasil, os portugueses se depararam com diversas drogas e especiarias e outros materiais bem diferentes daqueles que eles já estavam

¹²³ Idem, p. 661.

¹²⁴ AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi. **A moderação em excesso: estudo sobre a história das bebidas na sociedade colonial**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. p. 88.

¹²⁵ Para um melhor entendimento em relação a questão de circularidade cultural é importante ler mais sobre o assunto através do historiador italiano Carlo Ginzburg. Nesse sentido: “pretendemos utilizar o conceito de circularidade cultural como mais uma das ferramentas apropriadas para se analisar realidades históricas similares, que são constituídas de uma forma ou de outra por diferenças culturais e, conseqüentemente, pela tramitação de elementos culturais comuns existentes no ambiente das diferentes classes sociais que fazem parte de qualquer sociedade”. SILVA, Leonardo Santana da. **Carlo Ginzburg: o conceito de circularidade cultural e sua aplicação nos estudos sobre a música popular brasileira**. Ver. Augustus. Rio de Janeiro. V. 22, n. 43, p. 72-83, jan./jun. 2017. P. 73

¹²⁶ MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista**. Campinas, SP: Editora da Unicamp / Centro de Memória-Unicamp, 1999. p. 37.

acostumados e isso gerou motivo de curiosidade e espanto. No entanto, de forma oficial nossos colonizadores não dedicaram tempo em inventariar a flora e a fauna das regiões americanas neste primeiro momento¹²⁷.

Sendo assim, alguns viajantes portugueses por conta própria passaram a descrever os itens que iam tendo contato. No caso deste trabalho, nos interessa demonstrar que as plantas tiveram importância por serem usadas pelos nativos como alimento, veneno ou medicamento¹²⁸. Uma vez que a mesma planta podia ter diversas utilidades no Brasil colonial.

Já no século XVI, havia um razoável número de descritores de nossas plantas, usualmente denominadas “exóticas”. Embora não fossem botânicos ou médicos e nunca tivessem atingido a importância e o brilho de um Garcia da Orta, revelavam o que viam tentando descrever os seus achados¹²⁹.

Alguns viajantes ficaram extremamente conhecidos por fazerem um grande e importante inventário do que conheciam em sua viagem. Garcia da Orta citado no trecho acima ficou conhecido pela sua obra, o *Coloquios dos simples, das drogas e das causas medicinais da Índia*, onde trazia informações das drogas da Índia Oriental¹³⁰.

Neste mesmo sentido, temos então alguns escritores que dedicaram suas obras para falar sobre o Brasil, sendo estes: Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Fernão Cardim, entre outros¹³¹. No caso das plantas, foi José de Anchieta, interpretando através da lógica europeia, que teve maior interesse em descrever a flora e as práticas terapêuticas utilizadas pelos índios.

Portanto, os portugueses adaptaram para si, características da cultura indígena que pudessem facilitar sua estadia na América. Neste caso, a utilização das plantas como uma forma de remediar e ou curar as enfermidades que os assolavam.

Havia muito a aprender na paisagem e no clima novos. Valorizava os conhecimentos locais de plantas e receitas aprendidas dos índios pelos paulistas. Ervas e remédios novos colhidas entre os índios carijós, dos botocudos, dos coroados e dos puris da região de Sabará, desde os primeiros descobrimentos. O clima era desconhecido e traiçoeiramente frio, causando friagens, resfriados, eventualmente infecções pulmonares. Muitos dos recursos mais essenciais para sobrevivência nos primeiros tempos vinham dos carijós¹³².

¹²⁷ CARNEIRO, Henrique. **O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011. P. 16.

¹²⁸ MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista**. Campinas, SP: Editora da Unicamp / Centro de Memória-Unicamp, 1999. p. 37.

¹²⁹ Idem, p. 47.

¹³⁰ CARNEIRO, Henrique. **O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011. P. 16.

¹³¹ MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista**. Campinas, SP: Editora da Unicamp / Centro de Memória-Unicamp, 1999. p. 47.

¹³² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710 – 1733**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**/ Luís Gomes Ferreira; org.

Luis Gomes autor da fonte analisada, Erário Mineral, defendia a utilização das plantas medicinais nativas da região aurífera, por reconhecer sua importância e sua qualidade nos processos de cura¹³³.

Como já abordado anteriormente em outros tópicos deste trabalho, o uso das plantas nas práticas terapêuticas foi aproveitado por grande parcela daquela população. Isso aconteceu devido a fatores como: falta de medicamentos vindos do Reino, os elevados preços que estes poderiam ter nas boticas e também por muitos deles não fazerem o efeito necessário nas enfermidades aqui existentes.

Gomes Ferreira, sempre teve interesse nos conhecimentos dos paulistas, “são estes homens muito vistos e experimentados em raízes, ervas, plantas, árvores e frutos, por andarem pelos sertões anos e anos, não se curando de suas enfermidades senão com as tais coisas e por terem muita comunicação com os carijós¹³⁴”. Podemos observar isso ao longo do seu tratado, por utilizar e descrever em suas práticas de cura, diferentes plantas, raízes, minerais, entre outros elementos que ele pôde observar no convívio com estas pessoas.

Além disto, é importante salientar que as plantas localizadas no Erário, são analisadas de acordo com o que o autor nos fala. Naquele período não existiam os nomes científicos, o que se tinha era o nome popular das plantas, que poderia ser chamada de formas diferentes dependendo da região. Podemos perceber este aspecto no trecho a seguir:

O remédio que tem feito grande obra em muitos enfermos e lhes tem feito lançar muito grande número de lombrigas, (...) é o seguinte: sumo de erva-de-santa-maria, assim chamada nestas Minas e de todos bem conhecida, e na Cidade da Bahia chamada mastruços, sendo os mastruços verdadeiramente outros, como na cura das pontadas se verá¹³⁵.

É justamente nesse período que irão surgir as farmacopeias. Esta seria uma espécie de manual onde eram registradas informações sobre a fabricação e composição das drogas, a utilização de vários produtos que vindos da natureza eram utilizados na produção destes remédios e a finalidade curativa de cada um¹³⁶.

Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 53.

¹³³ GROSSI, Ramon Fernandes. **Considerações sobre a arte médica na Capitania das Minas (Primeira Metade do século XVIII)**. LPH – Revista de História, N. 8, 1998/99. p. 25.

¹³⁴ FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral. p. 677-678.

¹³⁵ FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral. p. 236.

¹³⁶ GOMES, Leonardo Gonçalves. **A farmacopéia tubalense de 1735 e a terapêutica lusitana a base de minerais**. XVI Encontro Regional de História – Anpuh-Rio. Saberes e Práticas Científicas. 2014.

Assim sendo, o “século XVIII é considerado pela historiografia como o período áureo das farmacopéias em Portugal devido à grande publicação de obras deste gênero, em língua vernácula, direcionadas exclusivamente para os boticários¹³⁷”.

No início surgiram diversas farmacopéias, no entanto, a primeira oficial, foi criada em 1794, e apresentava várias informações sobre as plantas do continente americano. Essa farmacopéia surgiu com o objetivo único e claro de padronizar um conhecimento que antes era muito disperso e que por isso apresentavam diversas interpretações¹³⁸.

(...) desordem, com que nas boticas de meus reinos, e domínios se fazem as preparações, e composições, por falta de uma farmacopeia, que sirva para regular a necessária uniformidade das ditas preparações, e composições; e sento certo, que sem que haja esta uniformidade, é impossível que a medicina se pratique sem riscos de vida, e saúde de meus fiéis vassallos, deixando-se a vontade e capricho de cada um dos boticários adotar diferentes métodos de compor, e preparar os remédios (...)¹³⁹

O trecho acima faz parte do Alvará concedido por D. Maria para a Farmacopéia Geral para o Reino e Domínios de Portugal, onde podemos perceber questões relacionadas a vontade de se padronizar as práticas terapêuticas e as preparações dos medicamentos que eram utilizadas naquele período.

As farmacopéias tiveram então, um importante papel, por contribuir com a difusão dos conhecimentos sobre os produtos vegetais, minerais e animal, utilizados por médicos, boticários e outros¹⁴⁰.

Outro aspecto importante de ser observado no Erário é o uso feito pelo autor, de plantas vindas das mais variadas regiões que não somente as originárias de nosso país. Com isso, podemos notar a circularidade que algumas plantas tiveram ao longo da história, neste caso, tendo chegado ao Brasil, muito provavelmente através do transporte marítimo português.

Antes mesmo do século XVII, muitas plantas medicinais e alguns produtos retirados de plantas vindas do sudeste da América do Norte e do México chegaram à Europa. Entre estas se encontravam a copaíba, bálsamo-do-peru,

¹³⁷ Ibidem, p. 1.

¹³⁸ BADINELLI, Isaac Facchini. **Saúde, religiosidade e cura: o uso de plantas medicinais nos primeiros contatos entre portugueses e indígenas no Brasil**. In: Renata Palandri Sigolo (Org). **Plantas Mediciniais e os cuidados com a saúde. Contando várias Histórias**. Florianópolis: NuPPE/UFSC, 2015. p. 129

¹³⁹ ANJR. Código 441. Alvarás da Rainha. Documento nº 17. Apud MARQUES, Op. Cit., p. 78. Apud: **Saúde, religiosidade e cura: o uso de plantas medicinais nos primeiros contatos entre portugueses e indígenas no Brasil**. In: Renata Palandri Sigolo (Org). **Plantas Mediciniais e os cuidados com a saúde. Contando várias Histórias**. Florianópolis: NuPPE/UFSC, 2015. p. 129

¹⁴⁰ Ibidem, p. 134.

bálsamo-de-tolu, guáiaço, jalapa, mechoação, salsaparrilha, sassafrás e tabaco¹⁴¹.

É possível perceber que esses produtos não só chegaram ao Brasil ou em outras colônias, como também saíam da colônia e eram mandadas para a Europa. Produtos como o tabaco e a salsaparrilha, que foram citados no trecho acima, são utilizados por Gomes Ferreira em várias receitas ao longo do Erário.

No caso da Salsaparrilha, o autor utiliza para fazer um xarope contra morbum para toda a espécie de gálico, e para boubas: “Salsaparrilha boa meia libra, sene onça e meia, açúcar três quartas; a salsa estará de molho por algum tempo para se rachar melhor, depois de rachada, se lance de infusão na mesma água (...)”¹⁴². Ele ainda conclui dizendo que “este é o celebrado remédio que ajustei nestas Minas, com que tenho feito curas quase milagrosas”¹⁴³.

Já referindo-se ao tabaco: “Em uma tigela de caldo-de-galinha, se deite espírito de tabaco de três até doze pingas, se tome em jejum e de tarde (...)”¹⁴⁴. O autor utiliza esse remédio contra asma. Mas além desta, o tabaco é utilizado em outras receitas, como na “preparação de uma água laxativa e purgante”¹⁴⁵.

Além destes, produtos como mirra, benjoim, pimenta da Índia, almíscar, canela, noz moscada, sândalo, produtos estes originários do Oriente, faziam parte de muitas receitas utilizadas durante o século XVIII, e também pelo nosso autor. Sendo assim, “os inventários dos farmacêuticos setecentistas relacionaram substâncias de origem africana e do Oriente¹⁴⁶”. Ressaltando com isso mais uma vez, a circularidade de plantas e outras especiarias entre as mais diversas regiões. Além disso, isso demonstra também a relação de Portugal com suas colônias.

Outro aspecto importante a ser salientado, é a permanência da utilização destas plantas nas práticas terapêuticas durante os séculos XIX e XX. As práticas terapêuticas da medicina antiga estenderam-se até a primeira metade do século XIX. “Com o advento de novas técnicas na biologia e na química, a medicina se preparou para o que

¹⁴¹Idem, p. 109.

¹⁴² FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral. p, 528.

¹⁴³ Ibidem, p. 529.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 369.

¹⁴⁵ Ibidem, 339.

¹⁴⁶ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; ABREU, Deyse Marinho de. **Os documentos cartoriais na história da Farmácia e das Ciências da Saúde**. Cadernos de História da Ciência – Instituto Butantan – Vol. V (1). Jan-Jul. 2010. P. 15.

seria a grande revolução da era bacteriológica”¹⁴⁷. Porém, apesar disto, outras concepções de saúde e doença circulavam, como por exemplo, a Homeopatia. As plantas, portanto, jamais cessaram de ser utilizadas, principalmente pela medicina popular.

Neste sentido, temos durante o século XIX a substituição pouco a pouco das boticas, que ocupavam um importante espaço na produção de medicamentos, pela farmácia e pequenas indústrias farmacêuticas¹⁴⁸.

De acordo com Fernandes, esse crescimento das indústrias farmacêuticas e conseqüentemente da produção dos medicamentos sintéticos teve um grande crescimento nas décadas de 1930 e 1940. Isso acarretou a revisão da Farmacopéia Brasileira, sendo retirado de seu conteúdo parte dos produtos originados de plantas nativas¹⁴⁹.

Nós tínhamos uma série de plantas na farmacopeia brasileira. Tinha uma série de estudos químicos desenvolvidos sobre plantas e tinha uma série de estudos farmacológicos também, embora toda a nossa ciência de produtos naturais fosse extremamente incipiente, ainda naquela época. As plantas que entravam na farmacopeia entravam através de uma seleção empírica, nós não sabíamos direito como aquilo funcionava – o povo usava, então ‘bota’ na farmacopeia e usa. Logo em seguida veio a revolução na indústria farmacêutica, foram desenvolvidos numerosos produtos novos, principalmente de síntese e a maior parte dos produtos naturais foram deixados de fora. (Matos, 1997: Entrevista, fita2/lado B)¹⁵⁰

Todas as mudanças ocorridas durante este período fizeram com que os médicos se afastassem cada vez mais dos medicamentos de origem vegetal, “que passaram a reconhecer o medicamento como um composto pronto, sendo incapazes, pela própria formação, de compor uma fórmula medicamentosa, principalmente quando se tratava de produtos naturais manipuláveis¹⁵¹. Essa questão afetou o uso das plantas medicinais, já que os profissionais que deveriam utilizá-las não tinham o conhecimento necessário para manipulá-las, aumentando, portanto, o uso de medicamentos industrializados.

Após isso, a década de 1960 aparece como um marco para a química orgânica e a fitoquímica¹⁵². Núcleos de estudos e pesquisas em produtos naturais e plantas medicinais, ligados as disciplinas de química, botânica e farmacologia passaram a ter

¹⁴⁷ MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A Arte de Curar nos tempos da Colônia. Limites e espaços da cura**. Recife: Ed. Universitária de UFPE, 2017. P. 26.

¹⁴⁸ FERNANDES, Tania Maria. **Boticas, indústrias farmacêuticas e grupos de pesquisa em plantas medicinais: origens no Brasil**. In: **Plantas Medicinais: memória da ciência no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, p. 30.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 34.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 35

¹⁵¹ Ibidem, p. 38-39.

¹⁵² Ibidem p. 42.

certa expansão e consolidação. “Essa expansão foi indicada nos primeiros simpósios de plantas medicinais do Brasil, no final da década de 1960”.

A realização do Simpósio, em 1967, na própria Santa Casa, é identificada por vários pesquisadores que desenvolvem pesquisas com plantas medicinais hoje como um marco definidor da organização dos grupos de pesquisa e da área como um todo, com integração entre a farmacologia, a botânica e a química¹⁵³.

Sendo assim, nas últimas décadas passou a haver um aumento no interesse pelo uso das plantas para fins terapêuticos, grandes números de estudos científicos vêm sendo realizado nesta área.

Estudos sobre a medicina popular vêm merecendo atenção cada vez maior, devido ao contingente de informações e esclarecimentos que vêm sendo oferecidos à Ciência. Esse fenômeno tem propiciado o uso de chás, detoctos, tisanas e tinturas, fazendo com que, na maioria dos países ocidentais, os medicamentos de origem vegetal sejam retomados de maneira sistemática e crescente na profilaxia e tratamento das doenças, ao lado da terapêutica convencional (FRANÇA, et AL., 2008. p. 202)¹⁵⁴.

Neste sentido, obras como, o Tratado Médico Erário Mineral, manuais de medicinas, farmacopéias e relatos de viajantes, propiciaram um vasto campo de estudos sobre os mais variados assuntos. Sendo as plantas um dos temas de destaque nesse trabalho, ressaltando assim, a sua importância nas práticas terapêuticas utilizadas ao longo da história pela população nos tratamentos das mais diversas enfermidades, gerando o que ficou conhecido como uma medicina popular.

Além disso, a tabela em anexo tem como objetivo levar ao leitor um acesso mais rápido e fácil às plantas utilizadas pelo autor. Também busca beneficiar trabalhos futuros, que possam analisar quais plantas faziam parte no universo de cura no Brasil do século XVIII.

¹⁵³ Ibidem, p. 59.

¹⁵⁴ FIRMO; Wellyson da Cunha Araújo; MENEZES, Valéria de Jesus Menezes de; PASSOS, Carlos Eduardo de Castro; DIAS, Clarice Noletto; ALVES, Luciana Patrícia Lima; Dias, Isabel Cristina Lopes; Neto, Marcelino Santos; OLEA, Roberto Sigfrido Gallegos. **Contexto Histórico, Uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais.** Cad. Pesq., São Luís, v. 18, n. especial, dez. 2011. P. 93.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a obra *Erário Mineral* de Luís Gomes Ferreira, nos leva a perceber as diferentes conjunturas da sociedade colonial da região das Minas durante a exploração do ouro.

Sendo assim, através da interpretação e observação da obra de Gomes Ferreira, conseguimos ter acesso à imagem dessa sociedade, podendo com isso, perceber aspectos que foram tratados ao longo deste trabalho, como: o cotidiano daquelas pessoas, suas relações, interações, culturas, e principalmente neste caso, suas diferentes formas de lidar com as doenças.

Segundo Tania Maria Fernandes, “a utilização de plantas, além de outros produtos naturais, na terapêutica e prevenção de doenças, pode ser detectada em diferentes formas de organização social, constituindo-se como uma prática milenar associada aos saberes populares e médicos e a rituais”¹⁵⁵.

Marcia Rachel Froés aponta que, as pesquisas mais recentes no campo da história das ciências da saúde vêm adotando uma abordagem que compreende a ciência dentro de uma perspectiva da história social das ciências¹⁵⁶. Neste sentido, devemos entender que o ‘fazer ciência’ é aqui compreendido como inseparável das condições econômicas, sociais e políticas características do meio no qual os cientistas estão atuando¹⁵⁷.

E foi justamente utilizando desta metodologia, que este trabalho buscou resolver a problemática: entender como era tratada a saúde dos escravos de acordo com a fonte analisada. Sendo assim, o *Erário Mineral* torna-se uma fonte importante para analisar e compreender as variadas alternativas que os brancos, os negros e os indígenas utilizaram para defender-se das moléstias existentes naquela região.

Com isso, foi possível ter acesso as doenças, as plantas utilizadas nas práticas terapêuticas, a circularidade e a relação entre o reino e suas colônias. Em anexo, trago uma tabela, que não tem como objetivo se esgotar por si só, mas sim contribuir para que o leitor tenha acesso às principais doenças retratadas no *Erário*, bem como as receitas utilizadas pelo autor.

¹⁵⁵ FERNANDES, Tania Maria. **Boticas, indústrias farmacêuticas e grupos de pesquisa em plantas medicinais: origens no Brasil**. In: **Plantas Mediciniais: memória da ciência no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, p. 27.

¹⁵⁶ FONSECA, Maria Rachel Froés. **Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930)**. História, ciências, saúde-Manguinhos. Rio de Janeiro, v.9 p.275-288, 2002. P. 275-276

¹⁵⁷ Ibidem, p. 276.

Além disso, analisar a circularidade destas plantas nos faz ter uma idéia do contato que existia entre europeus e outras regiões do planeta por onde estabeleceram colônias. Lembrando que, essas relações foram marcadas pela exploração e pelo enorme comércio que geraram grandes lucros para o reino.

Neste sentido,

A exploração dos recursos naturais encontrados nestas colônias nunca ficou de fora da expansão pretendida. Percebe-se o quanto foi importante para o Império Português o entendimento da natureza nas regiões na qual esteve mantendo contato comercial ou em territórios que se tornaram propriamente suas colônias. Portanto, é possível observar que em nenhum dos locais onde se estabeleceram colônias de exploração existiu um domínio completa e uma via de mão única: desde os primeiros momentos foi necessária uma interação cada vez mais freqüente com os habitantes locais, o que gerou conflitos e fez com que fosse necessária a construção de alianças¹⁵⁸.

Assim sendo, como nos aponta Junia Ferreira Furtado,

O Erário Mineral revela sua maior riqueza no caleidoscópio de leituras que seus conteúdos nos abre, fornecendo ricas informações não só sobre as doenças e suas práticas curativas, mas também sobre costumes e características da região das Minas Gerais, no século XVIII. Aborda um leque de temas que abarca desde o dia-a-dia dos escravos, o sistema de mineração aurífera, as crenças, a alimentação, a vida família, dentre inúmeros outros¹⁵⁹.

A obra Erário Mineral de Luis Gomes Ferreira, se apresenta, portanto, como uma fonte inesgotável de assuntos a serem interpretados, desde esses citados por Junia Ferreira, até outros aspectos abordados neste trabalho, como no caso, da estrutura médica presente no século XVIII, no Brasil e em Portugal. Além disso, permitem abertura para a discussão acerca da circularidade das mais variadas plantas utilizadas pelo autor.

¹⁵⁸ BADINELLI, Isaac Facchini; JUNQUEIRA, Luis Fernando. **Usos e circulação de plantas medicinais nas navegações portuguesas**. In: Renata Palandri Sigolo (Org). **Plantas Mediciniais e os cuidados com a saúde. Contando várias Histórias**. Florianópolis: NuPPE/UFSC, 2015. p. 170.

¹⁵⁹ FURTADO, Junia Ferreira. **Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens**. In: FERREIRA, Luís Gomes. **Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 27.

ANEXO 1

Principais Doenças tratadas no erário e suas respectivas formas terapêuticas

<u>Doenças</u>	<u>Forma de Cura</u>	<u>Página</u>	<u>Doente</u>
Pontada Pleurítica - Enchimento do Estômago	Dar ao doente um vomitório de tártaro emético.	234	Principalmente nos pretos
Pontada Pleurítica – Lombrigas	Sumo de erva-de-santa-maria, três limões azedos, azeite-de-mamona, vinagre forte, pó de açafão.	236	Principalmente nos pretos
Obstrução do Fígado	Primeiramente dar ao doente um vomitório de tártaro emético. Após isso, utilizar: raiz pequena de capeba, salsa das hortas, raízes de um pé de artemija e uma raiz de funcho. Se o doente estiver esquentando: se refrescará o doente com frangos. Folhas de chicória e de almeirão, ou de borragens e água comum.	283/290	Mais comum nos pretos, mas também atinge aos brancos.
Obstrução do Baço e do Mesentério	Tratamento feito do mesmo modo que a obstrução do fígado, com a diferença de acrescentar mais quantidade de raiz de capeba. Os vomitórios eméticos também serão utilizados neste tratamento. Ou, Água de capeba e mel de pau. Ou também, Urina de menino macho, sendo fresca e não antiga, ou de homem sadio misturada com mel de pau.	299/300/ 307	Mais comum nos pretos, mas também atinge aos brancos.

Tisanas Comuns	Cozinhar cevada descascada e adoçar com açúcar ou lambedor de violas.	319	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Tisana de madame Focquet	<p>Aveia, raiz de almeirão verde, cristal mineral, mel, água comum.</p> <p>Ou,</p> <p>Água comum, bom maná, cristal mineral, pó de canela, tabaco, casca de limão azedo muchada.</p> <p>Ou,</p> <p>Amêndoas descascadas, açúcar, água de cevada.</p> <p>Ou,</p> <p>Sementes frias maiores descascadas, água de cevada, açúcar.</p> <p>Ou,</p> <p>Sementes frias maiores descascadas, pisadas e desfeitas, gotas de chicória e de cevada, ou de almeirão, açúcar.</p>	319/320/321	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Emulsões	<p>Emulsão para provocar o sono: água de almeirão, ou, em sua falta, a de chicória. Semente de dormideiras brancas e pevides de melão, ou em falta destas, as de melancia, semente de alface, açúcar.</p> <p>Emulsão mais fresca e utilizada nas Minas: água de almeirão e de chicória, ou de borragens, pisem semente de melancia descascada e de abóbora de água, açúcar.</p>	322	Homens e Mulheres pretos ou brancos

Dor de dentes e arrancar o furado	Cozinhar raiz de hortelã e após isso lavar os dentes.	326	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Para tirar a dor de dentes	Ponha em cima do dente que doer, uma migalha ou pilulazinha de láudano opiado. Ou, Óleo de cravo, lançando uma pinga em cima do dente com o froco de uma pena. Ou, Verdete e de cravo da Índia, o mais acanelado. Feito tudo em pó e misturado se ponha em um prato de estanho em 29 de agosto, desde às onze horas até o meio-dia, onde pegue sol. Depois recolher em copo de chumbo, que assim se conservará por um ou mais anos.	326/327	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Erisipela Ulcerada	Folhas de tanchagem, folhas de malvas, rachinchas de sassafrás, água comum.	331	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Para inchação de pés, pernas e tornozelo	Raízes de capeba, raiz de butua rechada, rachinhas de sassafrás, cabeças ou olhos de mentrastos que não estejam espigados e água.	333	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Gonorréia (esquentamento)	Grande Gema de Ovo fria e óleo de capaúba.	334/335	Homens e

	<p>Ou, Gema de ovo grande, óleo de copaúba, ou copafba. Beber em Jejum.</p> <p>Ou, Raiz de jurubeba, ou por outro nome, jubeba. Beber em jejum com açúcar.</p>		Mulheres pretos ou brancos
Febres	Cozinhar madrepérola e depois fazer um pó, dar ao doente esse pó em qualquer licar de águas cordiais a toda hora	338	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Febres Malignas	<p>Cozinhar folhas de cravos. Dar ao doente em jejum.</p> <p>Ou, Água comum, açúcar, talhadas de cidras.</p>	338/339	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Água laxativa e purga brandamente	Água da fonte, sene, maná, cremortartari ou cristal mineral, pó de canela, tabaco, casca de limão azedo, água fervendo.	339	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Sarnas, Impinges e Lepras	Água de tanchagem, água-rosada, cozimento de laranjas, mercúrio doce sublimado.	339	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Inflamação dos Olhos	<p>Colocar em água fervendo pó sutil de caparrosa branca e pó sutil de verdete.</p> <p>Ou, Água-rosada, sumo de limão-galego.</p>	341	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Colírio Excelente	Claras de ovos, pedra-hematites, pedrame, pedra-lipes. Água-rosada, açúcar	342	Homens e

	de chumbo, ou na sua falta, açúcar-cande.		Mulheres pretos ou brancos
Feridas Nos olhos	Sumo de Funcho e leite de peito. Ou, Sangue de crista de galinha.	342	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Para cegos	Vinho branco. Cozam raiz de genciana. Deste cozimento deitem nos olhos à miúdo.	343	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Olhos Inflamados	Duas claras de ovos bem batidas somadas a aguardente do reino.	344	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Icterícia nos Olhos	Sumo de cidra azeda. Ou, Vinho branco e leite. Cozam folhas de cardo de comer, e beba-se em jejum.	346	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Água para chagas velhas	Água da fonte, se for da chuva melhor; cal viva, ferver em vaso de arame; escrúpulo de solimão em pó e sutil.	346	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Ungüentoegipciaco (Gangrenas e Chagas podres)	Verdete, pedra-ume queimada e sal amoníaco, sumo de escórdio, sumo de aliária e de arruda, vinagre esquilítico, mel. Ou,	349	Homens e Mulheres pretos ou brancos

	Mel comum, vinagre forte, sumo de arruda, ou sem ele, verdete, pedra-ume queimada.		
Unguento branco	Cera branca, alvaide em pó, óleo rosado, claras de ovos, alcanfor.	351	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Unguento para obstruções	Sumos de aipo, de funcho, de salsa, de hortelã, vinho, azeite, cera branca.	351	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Unguento para dores	Banha de porco sem sal e enxúdia de galinha.	352	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Ungüento para rachaduras dos bicos dos peitos	Bolo-armênio, mirra e cerusa, enxúndia de adem.	352	Mulheres
Unguento para o pólip, que nasce dentro do nariz	Misture-se sumo de alhos-porós com tártaro e cera verde.	353	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Emplasto Saturno	Chumbo queimado, sebo de bode e cera branca, terebintina, pedra calaminar preparada e alvaiade; ponfóliges e tutia preparada, mirra vermelha, almécega e olíbano, azebre hepático, cânfora e nitro.	353	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Leite Virginal para	Pedra-ume crua, água de cisterna; fezes	355	Homens

tirar sinais da cara	de ouro, vinagre branco. Ou, Óleo de alecrim ou seu bálsamo.		e Mulheres pretos ou brancos
Para surdez dos ouvidos	Rabão de horta que seja grosso, água de manjerona. Ou, Derreta-se a banha de uma enguia, e coloque dentro dos ouvidos umas pingas mornas de cada vez. Ou, Para surdez antiga: Espírito de Vinho, pingar nos ouvidos umas gotas, assim frio. Ou, Para surdez, dores e zunidos: cebola, óleos de amêndoas amargas, açafraão se asse em borralho. Depois de assada se esprema, o licor que sair coloque nos ouvidos.	358	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Dores de cólica ou de barriga	Triaga brasílica, desfeita em aguardente do Reino, ou, em falta, em água de infusão do chá e, na falta de tudo, em água quente, e se beba. Ou, Folhas de fumo verde, chamado também erva-santa, fritas em um pouco de azeite doce. Ou, Dores de cólica de causa quente: ajudas de água de cisterna avinagrada e morna, ou ajudas de água de tanchagem, ou de água de malvas, ou	362/363/ 364/365	Homens e Mulheres pretos ou brancos

	de caldo-de-galinha, que seja cozida com tanchagem, almeirão, chicória e borragens; triaga magna ou de esmeraldas desfeita em água morna, ou emulsões das quatro sementes frias maiores adoçadas com açúcar.		
Queimaduras de pólvora na cara	Manteiga crua, água de esperma ranarum, óleos de gemas-de-ovos. Ou, Queimaduras de água ou fogo: azeite fresco, ou melhor, óleo de sabugo; claras de ovos e se unte com pena de galinha.	367	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Para as chagas das queimaduras	Litargírio de ouro, óleo de gemas-de-ovos, óleo de domirdeiras, unguentopopuleão, cânfora. Ou, Claras de ovos, óleo de gemas-de-ovos, alvaiade em pó sutil.	368	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Asma	Em uma tigela de caldo-de-galinha se deite espírito de tabaco. Tomar em jejum e de tarde. Ou, O espírito de enxofre tirado por campana e misturado com água da fonte, que fique azedo agradável, brando. Ou, Tâmaras sem caroço, folhas de escabiosa, raízes de lírio cardano, água-mel.	369/370	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Asma seca, convulsiva ou espasmódica	Leite de burra continuado por muito tempo, escrópulo de pó sutilíssimo de	371	Homens e

	<p>unha de grão besta. Não tendo estes, usar leite de cabra e a unha do burro feita em aparas e pó sutil.</p> <p>Ou,</p> <p>Asma úmida: caldo de galo velho, açafraão em pó, ouro diaforético.</p>		Mulheres pretos ou brancos
Aos afogados na água	<p>Logo se pendure com a cabeça pra baixo até que lance toda a água que tiver bebido; o deem na cama quente e se aplique sobre o coração pombos, ou galinhas, ou frangos escalados em vivos e borrifados com vinho ou com aguardente.</p>	378	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Tumores Duros: ateroma, esteatoma ou melicéris	<p>Queijo velho com azeite-de-mamona.</p> <p>Ou,</p> <p>Papas de aguardente do Reino com pós de butua.</p> <p>Ou,</p> <p>Massa de gengibre, pisado e servido com a dita aguardente .</p> <p>Ou,</p> <p>Pisem alfavaca e alecrim, servida com aguardente.</p>	383	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Remédio para os bêbedos entrarem em seu juízo	<p>Dar de beber um copo de vinagre.</p>	384	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Dores de Barriga das Mulheres	<p>Salada de folhas de arruda e de folhas de artemija, ponham a frigar em um bom azeite até que as folhas fiquem torradas.</p>	384	Mulheres brancas ou pretas.
Bafo Fedorento	<p>Folhas e flores de alecrim fervidas em</p>	385	Homens

	vinho branco com um pouco de mirra, canela e beijoim. Ou comer e mastigar aipo.		e Mulheres pretos ou brancos
Diabetética	Depois de algumas sangrias, sendo a doença nova e havendo forças, tomar vomitórios em dias alternados.	385	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Para as abelhas não morderem	Esfregar as mãos e o rosto com erva-cidreira verde.	386	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Piolhos	Semente de erva espora-de-cavaleiro, vinagre forte. Ou, Sumo de erva-santa, chamado por outro nome fumo-verde.	387	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Dor da Ciática	Bosta de vaca ou de boi quente e posta em cima de uma folha de couve. Ou se formente com óleo de arruda quente, ou feito de arruda e alecrim.	389	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Unhas leprosas ou sarnosas	Pisem minhocas com azeite. Ou, Lenimento de manteiga do leite das vacas, ou por outro nome, nata, misture-se pós de flores de enxofre.	390	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Quando entra água ou bicho, ou outra qualquer coisa nos ouvidos	Se for água ou coisa líquida, se acudirá metendo-lhe um canudo dentro dele, e chupando com a boca pelo canudo com toda a força.	393/394	Homens e Mulheres pretos ou

	<p>Se for pulga, coloque no ouvido uma bolinha feita de cabelos de gato ou de cão; ou, encham o ouvido de azeite quente.</p> <p>Se for outro bicho, botem dentro do ouvido água quente misturada com sumo de arruda ou de hortelã, ou de erva-de-santa-maria.</p> <p>Se for pedra, pau, trigo ou qualquer outra coisa não vivente, meter no ouvido um pauzinho com a ponta untada de terebintina, ou com pez liquido, ou com visco.</p>		brancos
Pés ou sovacos dos braços com mau cheiro	Lavar com vinagre bem forte, no qual tenham cozido fezes-de-ouro.	395	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Hérnias nos testículos	<p>Óleo de canela.</p> <p>Ou,</p> <p>Farinha de favas, sebo de renhoadada de carneiro, gemas-de-ovos cruas, água, vinagre forte.</p> <p>Ou,</p> <p>Folhas de arruda e de meimendro verdes, gral de pedra, vinagre rosado, ou em sua falta, vinagre forte.</p>	397	Homens brancos ou pretos
Arrotos contínuos e tosses muito antigas	<p>Arrotos: âmbar misturado com vinho.</p> <p>Tosse muito antiga: âmbar misturado em caldo-de-galinha ou outro licor conveniente.</p>	402	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Óleo para dores de	Bom azeite, folhas de arruda, folhas de	409	Homens

flatos ou de causa fria	alecrim, alfavaca ou de poejos.		e Mulheres pretos ou brancos
Reumatismos acompanhados com grandes dores	Água da rainha da Hungria, incenso em pó e alcanfor. Ou, Bafos de leite cozido com folhas de meimendro verde machucado. Ou, Raiz da erva abrótea. Ou, Urina de menino morna, pós de raiz de butua.	411/412	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Erisipela do rosto ou em outra qualquer parte	Aguardente alcanforada, água de flor de sabugo.	412	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Para Concepção	Rosas, almécega, galeamoscata, espírito de canela, noz-moscada, cubebas, massis, galanga, cardamomo, cascas de cidra, erva-doce, funcho, alcaravia, nêveda, aipo, âmbar e almíscar, açúcar branco e mel puro	419	Mulheres pretas ou brancas
Para fazer parir	Avelã de fígados de eirogo feitos em pó, tomado em vinho, se for branco melhor	419	Mulheres pretas ou brancas
Apostemas pequenos, ou também grandes, a que chamam furúnculos, ou leicenças, ou abscessos	Emplasto maturativo, que se fará de folhas de malvas com unto de porco sem sal; gemas-de-ovos, féveras de açafreão.	420	Homens e Mulheres pretos ou brancos

Azias	Comer milho grosso assado ou arrebetado (pipocas)	431	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Tosse ou rouquidão da voz	Fumo de poejos adoçado com açúcar.	433	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Vômitos	Sumo de romã azedo, em falta deste, comerá uma fatia de pão torrado molhada em vinagre ou molhada no mesmo sumo de romã; ou tomará um escrópulo de sal de losna desfeito em leite ou em caldo-de-galinha e, em cima do estômago, colocar sal queimado ou torrado.	434	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Mel de tanque para as obstruções	Água comum, raiz de butua, raízes de sapé, raiz de salsa das hortas, folhas de picão.	436	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Tisana contra morbum de madame Focquet	Pau-santo, cascas do mesmo, salsaparrilha, sene e vinho branco.	436	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Xaropes para fazer vir a conjunção às mulheres	Mel de pau, manteiga tão lavada até ficar doce, sene em pó, cebola branca, gergelim.	438	Mulheres brancas ou pretas
Chagas envelhecidas e difíceis de curar	Vinho de Malvazia, azeite comum, terebintina, óleo de epiricão, bálsamo	439	Homens e

	peruviano, bálsamo ou óleo de copaíba, pós de sândalos vermelhos e de sangue-de-drago.		Mulheres pretos ou brancos
Remédio para curar feridas frescas	Óleo de terebintina, pós de incenso de mirra, de azebre, de almécega, de sangue-de-drago, doze ovos cozidos, cinzas quentes.	439	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Remédio para quando a mulher quer parir e não pode parir	Cozimento de folhas e raízes de artemija, folhas de arruda, de betônica, macela, pós de açúcar.	440	Mulheres brancas ou pretas
Dores de gota	Folhas de salva, de cana, de murta, maçãs de cipreste, alecrim, murtinhos, baga-de-louro, losna, rosmaninho, vinho branco.	441	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Areias dos rins e bexiga	Beber a goma ou resina com vinho branco	442	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Para conceber	Comer marmelos a miúdo	442	Mulheres pretas ou brancas
Deslocações	<p>Aparelhar os panos, ataduras, aguardente, emplastos e talas.</p> <p>Emplasto: terebintina, pós de toda a bisma, incenso, mirra, sangue-de-dragão e almécega.</p> <p>Deslocação com ferida: curará do mesmo modo, com a diferença, que, aonde estiver a ferida, se fará um</p>	447/448/ 455	Homens e Mulheres pretos ou brancos

	buraco no pano do emplasto para ficar a ferida patente à vista e curar-se todas as vezes que for necessário. A ferida se cura com aguardente do Reino.		
Fleumão, Furúnculos, Carbúnculos, Antrazes (carbúnculos arruinado ou maligno), Gangrena, Panarício, Apostemas do Lacrimal, Dores de flatos na garganta, Edemas nas pernas, Escrófulas ou alporcas, Cirros, Cancros, Feridas do peito penetrantes,	Óleo de ouro (sal, água forte e ouro)	489/491/ 492/494/ 495/496/ 497/498/ 499/502/	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Maleitas	Folhas de arruda, vinho bom, tártaro emético.	516/517	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Feridas Frescas	Aguardente, água da rainha de Hungria, incenso, mirra e almécega, alecrim e murtinhos, pós de raiz de solda.	519/520	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Morbum, toda espécie de gálico e para boubas	Salsaparrilha, sene, açúcar, água.	528	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Toda espécie de gálico e boubas	Pílulas: resina de jalapa e extrato de raiz de bardana, mercúrio doce	530	Homens e

	sublimadom bálsamo de enxofre terebentinado.		Mulheres pretos ou brancos
Xaropes preparantes de humores gálicos	Água de almeirão e de borragens, xarope de borragens e de almeirão	539	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Gálico em qualquer espécie	Mercúrio doce, água de almeirão.	547	Homens e mulheres
Fluxos de Sangue	Folhas de tanchagem e beldroega ou de almeirão, água.	550	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Supressões da Urina	Erva-do-bicho, água, pó de açúcar.	553	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Defluxos asmáticos	Primeira água: Flor de laranja azeda, raízes de malva com algumas folhas, raiz de manjerição, Raiz de arruda e raiz de alfavaca. Segunda água: urina de meninos de idade de três ou quatro anos, raízes de malva e algumas folhas.	556	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Gonorréias Velhas	Terebintina fina e lavada, gemas-de-ovos, açúcar muito branco, vinho branco finíssimo e sem confeitão.	558	Homens e Mulheres pretos ou brancos

Oftalmia rebelde	Água de flor de sabugo, rosada e de tanchagem, solimão. Clara de ovo, tutia, açúcar de chumbo, pedra-lipes, colírio branco de Razis sem ópio.	558	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Sangue pela boca ou tosse seca	Água, urucu, açúcar.	559	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Braços ou pernas com pouco movimento ou parilisia	Semente de mostarda, aguardente fina, unto de porco sem sal, óleo de arruda, espírito de colearia Ou, Mirra escolhida, azebre hepático, espicanardo, sangue-de-drago, incenso, múmia, bedélio, opopánaco, bálsamo, açafraão, almécega, goma Arábia, estoraque líquido. Láudano, sumo de castóreo, almíscar, terebintina de Veneza.	559/560	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Formigueiros dos braços e das pernas	Bicuíbas descascadas, água, cinzas quentes, aguardente do Reino,	568/569	Mais comum em brancos do que em pretos.
Formigueiros nas solas dos pés dos pretos	Purgar com vomitórios e queimar com cautérios de fogo. Remédios dessecantes: água de tanchagem e de pés de rosas, pós de alvaiade, pós de pedra-ume crua.	577	Pretos

Cangalha (Convulsão de nervos)	Preparar humores frios com xaropes e depois purgar os humores. Purgas de resina de batata, jalapa, suores de cascas de cedro bem cozidas.	578/579	Pretos vindos da Costa da Mina.
Roturas	Vinagre, o mais forte, 24 maçãs verdes de cipreste e cascas de duas romãs azedas.	582	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Esquinências ou dores de garganta	Folhas de carurus de espinho ou juqueris, folhas de tanchagem, pó de açúcar.	585/586	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Tumores ou inchaços de humor frio que nascem nas costas das mãos	Mel (Jetaí ou de Mandassaia ou de urucu), Sal do Reino torrado e moído. Ou óleo de ouro.	589/590	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Papos	<ul style="list-style-type: none"> - Tomar água do mar e colocar panos de água salgada em cima dos papos. - Beber em jejum urina de menino ou esfregar os papos com um pano molhado em sangue mensal. - pôr em cima dos papos saquinho de sal torrado, alecrim, arruda, losna, alfavaca, murta ou murtinhos. - óleo de ouro. 	592/593/ 594	Mais em mulheres do que em homens.
Contusões grandes causadas por pancadas, caída de alto ou aperto	Urina, se for velha melhor; ferrugem de chaminé. Se necessário algumas sangrias. Remédios descoagulantes: raízes de	600	Homens e Mulheres pretos ou

	capeba, raiz de butua machucada, pós de açúcar.		brancos
Gota-Serena que dá nos olhos	Xaropes de humores frios, ervas capitais, como macela, coroa-do-rei, hissopo, rosmaninho, água, sene, açúcar.	606/607	Muito comum nos pretos
Bichos de mosca-varejeira no nariz ou outras partes	Sumo de fumo verde, ou, por outro nome, de tabaco, vinagre que seja do forte, pedras de sal. Não obedecendo, misture-se sarro de cachimbo. Quando entram no nariz: pisem-se folhas de sumo ou de tabaco verde e de hortelã, vinagre fortíssimo, espírito de vitríolo, pedras de sal moído.	609/612	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Chagas em qualquer parte do corpo	Pano molhado em aguardente do Reino e pós das cascas dos ovos	616	Pretos
Chagas dos dedos dos pés e unhas	Água de tanchagem e de pés de rosas, pós de alvaiade, pós de pedra-lipes, pós de caroba, pós de mirra.	625	Homens pretos ou brancos
Escoriações do escroto, ou bolsa dos testículos, ou membro viril.	Água de tanchagem e rosada, alvaiade em pó sutil.	627	Homens pretos ou brancos
Corrupção-do-Bicho	Assentar o doente em uma bacia de água morna e tomar um banho. Quartos de limão.	636	Homens e Mulheres pretos ou brancos
Resfriamentos	Resfriamento leve: Gengibre, aguardente do reino; ou folhas de arruda, folhas de mostarda, gengibre, sebo do rim ou de unto de porco. Resfriamentos mais Pesados: dentes-	654/655	Homens e Mulheres pretos ou brancos

	de-alho limpos, folhas de arruda, gengibre, banha de porco sem sal, sebo de rim, aguardente.		
Venenos e Mordeduras (solimão, rosalgar, água-forte, cantáridas, napelo, miolos de gato, ópio)	<p>Solimão: vomitório de boa porção de manteiga e azeite comum. Após isso, dar grande porção de leite de vacas ou de cabras, depois beber cristal com óleo de semente de nabos ou óleo de amêndoas doces.</p> <p>Rosalgar: leite de vacas e o óleo de amêndoas doces. Na falta desses, tisanas ou amendoadas adoçadas com xarope magistral de violas.</p> <p>Água-forte: óleo de amêndoas doces tirado sem fogo, ou com leite de vacas ou de cabras; ou beber muita água fria misturada com óleo de tártaro feito por delíquio, ou tome mucilagens de escorcioneira.</p> <p>Cantáridas: leite de mulher ou de vacas, na falta destes, óleo de amêndoas doces, ou mucilagens de pevides de marmelos e semente de malvaísco.</p> <p>Napelo: Vomitórios e depois leites, manteiga frescas de vaca, pós de esmeraldas e de âmbar, terra lemnia desfeita em vinho.</p> <p>Miolos de Gato: diamusco doce com o</p>	668/669/ 670/671/ 672/675	Homens e Mulheres pretos ou brancos

	<p>cheiro de almíscar continuado.</p> <p>Ópio: vomitório de azeite, extrato de arruda, ou essência de castóreo, ou vinagre de arruda, ou mel com azeite-rosado; ou beba vinho puro, cozido com losna; ou vinagre puro.</p> <p>- raiz de butua também é um grande contraveneno.</p>		
<p>Mordeduras das cobras jararacas, surucucus e cascavel.</p>	<p>- O primeiro remédio é cauterizar a mordedura com cautérios de fogo feitos em brasa viva.</p> <p>- O esterco humano é o único remédio na mordedura de cobra cascavel.</p>	<p>682/683/ 684/685/</p>	<p>Homens e Mulheres pretos ou brancos</p>
<p>Escoburto ou Mal de Luanda</p>	<p>Raiz de chicória, grama, fragária, douradinha, mastruços e colearia.</p> <p>Diatártaro reformada e sal catártico, sal tártaro, antimônio diaforético marcial e espírito de cocleária, xarope de chicória de Nicolau com ruibarbo.</p>	<p>695</p>	<p>Homens e Mulheres pretos ou brancos</p>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Jean Luiz Neves. A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das 'luzes' e as informações sobre as enfermidades da América Portuguesa. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro: v.14, n.3, p.761-778, jul.-set. 2007.

ABREU, Jean Luiz Neves. Tratados e Construção do Saber Médico: Alguns aspectos dos paratextos nos impressos de medicina luso-brasileiros – Século XVIII. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 6, n. 2, jul.-dez., 2013.

ABREU, Jean Luiz Neves. O corpo, a doença e a saúde. O saber médico luso-brasileiro no século XVIII. Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. p. 23-280

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XV e XVI. São Paulo: Companhia das Letras. 525 páginas.

AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi. A moderação em excesso: estudo sobre a história das bebidas na sociedade colonial. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. p. 1-153.

BADINELLI, Isaac Facchini. Saúde e Doença no Brasil Colonial. Práticas de cura e uso de plantas medicinais no tratado Erário Mineral de Luis Gomes Ferreira (1735). Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. p. 17-74.

BADINELLI, Isaac Facchini. Medicina e Comércio na Dinâmica Colonial: a trajetória social de João Cardoso de Miranda (Século XVIII). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. p. 15.

BADINELLI, Isaac Facchini. Saúde, religiosidade e cura: o uso de plantas medicinais nos primeiros contatos entre portugueses e indígenas no Brasil. In: Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde. Contando várias Histórias. Org. Renata Palandri Sigolo. Florianópolis: NuPPE/UFSC, 2015. p. 134.

BADINELLI, Isaac Facchini; JUNQUEIRA, Luis Fernando. Usos e circulação de plantas medicinais nas navegações portuguesas. In: Plantas Medicinais e os cuidados com a saúde. Contando várias Histórias. Org. Renata Palandri Sigolo. Florianópolis: NuPPE/UFSC, 2015. p. 161-170.

BARROS, José D'Assunção. A história social: seus significados e seus caminhos. LPH – Revista de História da UFOP, 2005. p. 10-14.

BOTELHO, Ângela Vianna; REIS, Liana Maria. Dicionário Histórico Brasil Colônia e Império. 6. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAIRUS, Henrique Fortuna. O Corpus Hippocraticum. In: CAIRUS, Henrique F., e RIBEIRO, JR., WA. *Textos Hipocráticos*. O doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. História e Saúde Collection, p. 25-38.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. O Trabalho na Colônia. In: História Geral do Brasil. 9ª ed. rev. e atual. 20ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 95-110

CARNEIRO, Henrique. O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus. Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011. P. 13-32.

CATAI, Dimas. Médicos, Barbeiros e Feiticeiros: Africanos e práticas de cura no Brasil do Século XVIII. VIII Encontro Estadual de História. Anpuh BA – Feira de Santana, 2016. p. 1-10.

COELHO, Ronaldo Simões. O Erário Mineral divertido e curioso. In: FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002

DAZILLE, Jean-Barthélemy. Observações sobre as enfermidades dos negros, suas causas, seus tratamentos, e os meios de as prevenir. Trad. Antonio José Vieira de Carvalho. Lisboa.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento – 1710 – 1733. In: FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, p. 45-105.

EDLER, Flávio; FONSECA, Maria Rachel Froes da. Os agentes oficiais da arte de curar no Brasil Colonial. Cadernos ABEM. Volume 2. Novembro de 2005. p. 1-21.

EUGÊNIO, Alisson. Relatos de Luís Gomes Ferreira sobre os escravos na Obra Erário Mineral (1735). História, Ciências e Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, jul.-set. 2015, p. 881-897.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1996.

FERNANDES, Tania Maria. Boticas, indústrias farmacêuticas e grupos de pesquisa em plantas medicinais: origens no Brasil. In: Plantas Medicinais: memória da ciência no Brasil [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, pp. 27-76.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; ABREU, Deyse Marinho de. Os documentos cartoriais na história da Farmácia e das Ciências da Saúde. Cadernos de História da Ciência – Instituto Butantan – Vol. V (1). Jan-Jul. 2010. P. 9-26.

FIRMO; Wellyson da Cunha Araújo; MENEZES, Valéria de Jesus Menezes de; PASSOS, Carlos Eduardo de Castro; DIAS, Clarice Noleto; ALVES, Luciana Patrícia Lima; Dias, Isabel Cristina Lopes; Neto, Marcelino Santos; OLEA, Roberto Sigfrido Gallegos. Contexto Histórico, Uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. Cad. Pesq., São Luís, v. 18, n. especial, dez. 2011. P. 90-95.

FONSECA, Maria Rachel Froés. Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930). História, ciências, saúde-Manguinhos. Rio de Janeiro, v.9 p. 275-288, 2002.

FREYRE, Gilberto. Características Gerais da Colonização portuguesa no Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. In: FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala, 50ª edição. Global Editora. 2005. P. 64 - 155

FURTADO, Junia Ferreira. Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002,

FURTADO, Júnia Ferreira. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas Colonial. Revista do Arquivo Público Mineiro. P. 90

GOMES, Leonardo Gonçalves. A farmacopeiatubalense de 1735 e a terapêutica lusitana a base de minerais. XVI Encontro Regional de História – Anpuh-Rio. Saberes e Práticas Científicas. 2014.

GROSSI, Ramon Fernandes. Considerações sobre a arte médica na Capitania das Minas (Primeira Metade do século XVIII). LPH – Revista de História, N. 8, 1998/99. p. 11-26.

GURGEL, Cristina. Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos. São Paulo: Contexto, 2010.

HERZLICH, Claudine. A problemática da Representação Social e sua Utilidade no Campo da Doença. Physis – Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, Vol. 1, Número 2. 1991. p. 23-36.

LIMA, Tania Andrade. Humores e Odores: Ordem Corporal e Ordem Social no Rio De Janeiro, Século XIX. Rio de Janeiro. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, II (3): 44-96, nov. 1995 – fev. 1996, p. 1-53

MARQUES, Vera Regina Beltrão. Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista. Campinas, SP: Editora da Unicamp / Centro de Memória-Unicamp, 1999. p. 37-81.

MARQUESE, Rafael de Bívar. Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1680. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

MARTINO, Agnaldo e SAPATERRA, Ana Paula. A Censura no Brasil. Do século XVI ao século XIX. Estudos Lingüísticos XXXV, p. 234-243, 2006.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. A Arte de Curar nos tempos da Colônia. Limites e espaços da cura. Recife: Ed. Universitária de UFPE, 2017. P. 26.

MUZZI, Eliane Scotti. Ouro, poesia e medicina: os poemas introdutórios ao Erário Mineral. In: FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002

NADALIN, Sérgio Odilon. A população no passado colonial brasileiro: mobilidade versus estabilidade. TOPOI, v. 4, n. 7, jul.–dez. 2003. p. 222-275

NETO, Dirceu Marchini. O trabalho compulsório no Brasil Colônia. Revista científica FacMais, Volume III, Número 1. Ano 2013/1* Semestre. ISSN 2238-8427. P. 5-17

NUNES, Cristiane Tavares Fonseca de Moraes. A Universidade de Coimbra Reformada. Universidade Federal de Sergipe. p. 1-15.

PAIVA, Eduardo França. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: PAIVA, Eduardo França & ANASTASIA, Carla Maria Junho. (orgs.) O trabalho mestiço; maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2002, p. 187-207

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Vol. 11: 67-92, 2004.

PITA, João Rui. A reforma pombalina da Universidade, a faculdade de Medicina e os estudos médicos e farmacêuticos. Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, CEIS20. Coimbra, 2006. p. 3-20.

PINSKY, Jaime. A escravidão no Brasil. Ed. 21 – São Paulo: Contexto, 2010. p. 1-50.

PONTE, Carlos Fidélis; FALLEIROS, Ialê (org). Na Corda Bamba de Sombrinha: A saúde no fio da história. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/COC, 2010

PORTO, Ângela. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1019-27, out.-dez. 2006.

PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1963. p. 104 - (verificar páginas do capítulo utilizado)

RIBEIRO, Márcia Moisés. A ciência dos trópicos. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo. Hucitec, 1997.

RUGENDAS, Johann Mortiz. Lavagem do Minério de ouro perto da montanha do Itacolomi. In: MOURA, Eugênio Marcondes de. A Travessia da Calunga Grande. São Paulo: Edusp, 2000. p. 471.

SANCHES, Antônio Nunes Ribeiro. Tratado da conservação da saúde dos povos. Lisboa: 1755.

SCARATO, Luciane Cristina. Administração e Política Colonial. Universidade Federal de Minas Gerais. p. 1-15

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. A pluralidade de perspectivas sobre a doença no período colonial. Anpuh – XIV Encontro Regional da Anpuh Rio. Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2010. P. 1-9.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil Colônia. In: FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral/ Luís Gomes Ferreira; org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.